

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LUIZ PEREIRA DOS SANTOS

**A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA E A BUSCA DA COMPREENSÃO DE NOVOS
PARADIGMAS A PARTIR DA FAMÍLIA DE MARTA, MARIA E LÁZARO**

São Leopoldo

2018

LUIZ PEREIRA DOS SANTOS

**A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA E A BUSCA DA COMPREENSÃO DE NOVOS
PARADIGMAS A PARTIR DA FAMÍLIA DE MARTA, MARIA E LÁZARO**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Dimensão do cuidado e
Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237f Santos, Luiz Pereira dos
A família contemporânea e a busca da compreensão de novos paradigmas a partir da família de Marta, Maria e Lázaro/ Luiz Pereira dos Santos; orientador Rodolfo Gaede Neto . – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.
81 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Família. 2. Sociedade. 3. Solidariedade. 4. Família – Aspectos religiosos – Cristianismo. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

LUIZ PEREIRA DOS SANTOS

**A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA E A BUSCA DA COMPREENSÃO DE NOVOS
PARADIGMAS A PARTIR DA FAMÍLIA DE MARTA, MARIA E LÁZARO**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Mestrado Profissional em Teologia
Área de concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Dimensão do cuidado e
Práticas Sociais

Aprovado em 04 de novembro de 2018

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – EST (presidente)

Flávio Schmitt - Doutor em Teologia – EST

José Adriano Filho – Doutor em Teologia – FACULDADE UNIDA

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao criador do universo pelo dom da vida que me concedeu e pela sua luz que sustenta meu existir, se fazendo presente nesta caminhada percorrida.

Agradeço minha esposa, Aguielza pelo incentivo e compreensão, pelo carinho e companheirismo nesta etapa de estudo e pesquisas.

Agradeço minha comunidade de fé, a Igreja Presbiteriana Unida de Caetité que soube me compreender e incentivar diante das etapas do estudo que passava fora da comunidade.

Agradeço o professor orientador, Rodolfo Gaede Neto, pelas orientações e direcionamento ao longo da pesquisa e aos demais professores e colegas de curso pela troca e partilha de experiências e de conhecimento.

RESUMO

A realidade da família apresenta-se de forma diversa e geradora de inúmeras discussões a partir de compreensões sociais, culturais e religiosas. A família é um organismo que compõe a base das relações sociais e de alguma forma, é o núcleo que promove a socialização e a interação nessa sociedade. As primeiras experiências humanas são assimiladas no seio da família. A família contemporânea vive na fronteira entre o modelo moderno de família e no horizonte de novos paradigmas que trazem sentimentos de incertezas e grandes transformações na sua estrutura básica. A estrutura social e econômica vivida na atual sociedade força a readaptação da própria estrutura familiar. As mudanças nos ritmos de vida impostas pela sociedade do capital, empurra para o centro desse mercado a dimensão do consumo e da subjetividade que identifica as buscas individuais como as mais viáveis nesse contexto. O agravamento da insegurança em relação às questões básicas de sobrevivência, aumentada pela escassez do trabalho e da estabilidade econômica desafia os pensadores sociais a vislumbrarem novas perspectivas. Para isso propõe-se a gestação de um novo paradigma para a família que tenha como base a cooperação, a solidariedade e uma compreensão de que novos conceitos sobre família são necessários. Uma das inspirações para isso pode-se buscar nos ensinamentos de Jesus apontando que a sua forma conceber a família é a partir da prática daquilo que é a vontade de Deus. A família de Betânia é o símbolo dessa nova proposta de inclusão sobre o que se pode entender como família, cultivando valores solidários, de cuidado e espirituais.

Palavras-chave: Família. Sociedade. Esperança. Solidariedade. Cuidado.

ABSTRACT

The reality of the family presents itself in various forms and generates innumerable discussions based on social, cultural and religious comprehensions. The family is an organism which forms the base of social relations and in some way, is the nucleus which promotes the socialization and the interaction in this society. The first human experiences are assimilated within the bosom of the family. The contemporary family lives on the boundary between the modern model of family and the horizon of new paradigms which bring feelings of uncertainties and great transformations in their basic structure. The social and economic structure experienced in current society forces the re-adaptation of the family structure itself. The changes in the rhythms of life imposed by the society of capital shoves to the center of this market the dimension of consumption and of subjectivity which identifies the individual quests as the most viable in this context. The worsening of the insecurity in regard to basic issues of survival, increased by the scarcity of work and of economic stability challenge the social thinkers to imagine new perspectives. For this the gestation of a new paradigm for the family is proposed which has as its base cooperation, solidarity and a comprehension that new concepts about family are necessary. One of the inspirations for this can be sought from the teachings of Jesus pointing to his way of conceiving of family which is based on the practice of that which is the will of God. The family of Bethany is the symbol of this new proposal of inclusion of what one can understand as family, cultivating values of solidarity, of caring and of spirituality.

Keywords: Family. Society. Hopes. Solidarity, Caring.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA	12
2.1 Família: conceito e evolução	12
2.1.1 Conceitos de família	12
2.1.2 A evolução da família.....	14
2.2 Sociedade atual: um mundo de incertezas	18
2.3 Consequências do atual estado de insegurança	21
2.4 O atual paradigma da família contemporânea	23
2.4.1 Novos arranjos e dinâmicas familiares	24
2.4.2 A família e a adaptação à sociedade atual	27
2.4.3 Questões fundamentais da família atual no Brasil	29
3 ASPECTOS DE UMA VISÃO BÍBLICA SOBRE A FAMÍLIA	34
3.1 Uma visão judaica sobre o cuidado na família	34
3.2 Uma visão cristã sobre o cuidado na família.....	39
3.2.1 Jesus e a família	43
3.2.2 Jesus e a família de Betânia	47
4 NOVOS PARADIGMAS PARA A EXISTÊNCIA DA FAMÍLIA	55
4.1 Modelos alternativos para a existência da família	55
4.1.1 Os alicerces da Solidariedade e da cooperação.....	56
4.1.2 O alicerce do cuidado	62
4.1.2.1 A busca de uma nova identidade.....	64
4.1.2.2 A comunidade de fé como espaço de novas experiências familiares	66
4.1.3 A busca de uma espiritualidade integradora: gratuidade, convivência e compaixão	69
4.1.3.1 O sofrimento necessário para o desenvolvimento da espiritualidade da gratuidade na família	70
4.1.3.2 A abertura necessária para o desenvolvimento da espiritualidade da compaixão e da convivência na família	72
5 CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a família no atual contexto requer uma compreensão histórica da sua realidade e das transformações que esta sofreu ao longo dessa história. A antropologia e a sociologia da família dimensionam essa trajetória, que não é compreendida pelo senso comum, como parte de um sistema evolutivo presente na sociedade. O viés religioso não tem como base de compreensão a evolução dessas transformações, mas a ideia de que a família é algo natural e dependente da vontade de Deus. Essa compreensão é defensora do modelo burguês de família, forjado, sobretudo com a ascensão da modernidade iluminista. As evidentes mudanças que estão ocorrendo na estrutura da família alarde a muitos de que a família corre o risco de desaparecer. O que está acontecendo são apenas novas configurações e arranjos familiares que contradizem ao modelo que foi visto, durante muito tempo, como única forma de ser família.

Neste estudo procura-se ampliar a reflexão sobre as diversas formas de ser família, a começar pelas suas primeiras organizações. Veremos que a família humana sempre foi algo dinâmico que se adapta aos tempos evolutivos que ocorrem na sociedade. Na antiguidade clássica, greco-romana, a família era uma “grande família” composta por uma múltipla realidade onde se relacionavam pessoas consanguíneas e também servos que viviam na mesma casa. A referência de organização e poder na família estavam na figura do pai, expressando o poder patriarcal, base fundamental da sociedade daquela época.

A primeira parte deste estudo é um apanhado histórico da família, trazendo reflexões que nos ajudam a perceber a pluralidade e também a dinâmica da família. O desenvolver de sentimentos ligados aos mistérios da existência, já na antiguidade primitiva, antes mesmo do ser humano definir uma forma de vivência em família, ajuda a aproximar as pessoas de uma referência que lhe dê sentido e que lhe fortaleça na vida associativa. O fundamento religioso se torna algo relevante para as primeiras organizações familiares ao longo da história humana. Pode-se afirmar que não foi a família que se reuniu em torno de uma religião, mas o sentimento religioso que desperta, de forma complexa, a família.

Na contemporaneidade a família mostra as muitas formas de ser. Percebe-se que existe uma gama de situações que afetam a realidade da família hoje. Petrini descreve que os “diversos câmbios sociais vêm afetando sobremaneira a composição, os arranjos, as políticas públicas, as redes sociais e as subjetividades existentes dentro da própria família”.¹ A modernidade ocidental re-institui a família como base econômica a partir da revolução industrial, por ser dela que viria a mão-de-obra para as indústrias. Ainda não há espaço para a afetividade e para a subjetividade por serem as famílias proletárias fornecedoras da força de trabalho.

O descrito por Petrini anteriormente, é o que compõe nossa realidade presente. As famílias não são mais somente fornecedoras de forças de trabalho, mas, sobretudo, consumidoras do sistema capitalista. A família como base de consumo tem a função de manter vivo o ser do mercado. A busca pela subjetividade reforça uma noção de identidade pessoal, mas ao mesmo tempo fortalece os desejos sempre latentes de consumir. É incerto, para a sociedade atual, especialmente para as famílias, qual será o desfecho de uma vida incentivada pelo consumo.

O incerto no mundo atual parece ser o mais certo a estar presente nele. A vulnerabilidade humana se torna mais visível nestes tempos, mas parece que cria infinitas possibilidades não pensadas no passado recente. Existem outros meios para se driblar as contradições da existência e da sociedade. Esta realidade excludente e manipulada pode ser substituída pela criação de uma existência virtual que eliminam as desigualdades, sendo, para “um jovem o principal atrativo do mundo virtual a ausência de contradições e objetivos conflitantes que rondam a vida off-line...que cria uma multiplicação infinita de possibilidade de contatos plausíveis e factíveis”.² As novas modalidades e arranjos familiares vêm corroborar a ideia de que, no presente, nada mais tem solidez.

Na segunda parte da reflexão são analisados os aspectos de uma compreensão bíblica sobre a família, a partir da visão do Antigo e do Novo testamento. Em ambos os tempos, a família ganha alguns destaques pelos escritos bíblicos. O Velho testamento vê a família, não distante da visão dos outros povos do Oriente próximo, mas com a motivação de uma vontade divina que orienta e instrui a família.

¹ PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa R. Simon (orgs). *Família, Sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 8.

² BAUMAN, Zigmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 23.

Textos que ilustram a vida de grandes personagens do Velho Testamento, como, Abraão, Sara, Hagar e outros, mostram ao mesmo tempo a presença divina e os conflitos que estão na estrutura daqueles contextos familiares.

Leis relacionadas ao cuidado da família foram instituídas para garantir o mínimo de direito às famílias fragilizadas economicamente. A lei do goelato instituiu que alguém da própria família assumisse a obrigação de resgatador, caso uma família estivesse passando por grandes necessidades. Esta é uma visão que surge de um senso de compromisso com o outro, onde os bens materiais não são vistos como posse absoluta e sim, como recurso a ser usado para o auxílio dos mais enfraquecidos.

No Novo Testamento, Jesus reconhece essa prática, tanto que deseja que seja novamente estabelecida. A ambição dos grupos e famílias enriquecidas fez com que essa atitude de cuidado e compromisso com os outros fosse deixado de lado. O fortalecimento da família por Jesus vem da crítica que faz ao novo modelo de família do seu tempo, que priorizava os recursos materiais ao cuidado e a solidariedade com os necessitados. As ideologias de Herodes e dos sacerdotes estabeleciam um relacionamento individualista em detrimento da partilha e do cuidado. O questionamento de Jesus de quem é sua família, mostra sua visão crítica em relação à estrutura familiar do seu tempo e lança propostas para uma nova ordem.

Na terceira parte deste estudo acentuados alguns novos paradigmas que podem ser vistos como uma nova possibilidade para a vivência familiar. Em tempos de radicalismos e conservadorismos, surgem também configurações novas no âmbito da família que desafiam os defensores de uma moral tradicional. Jesus assinala a superação dessa moral na sua prática e relacionamentos sociais que vivia. Visitava pecadores, curava leprosos, dialogava com as mulheres, se hospedavam na casa de uma família diferente, composta somente por três irmãos, etc.

A relação de Jesus com a família de Marta, Maria e Lázaro aponta este novo paradigma de família que, o que dá sentido e o que estrutura essa família é “fazer a vontade de Deus”, a partir da partilha e do ensinamento que cada um recebia. Delineia-se como modelo para este novo contexto, uma amizade profunda, uma afetividade construtiva e um compromisso compassivo que passaram a viver a partir das visitas de Jesus, que culminou com a profissão de fé de Marta.

A ideia de um novo paradigma para a existência da família, certamente já é vivida em algumas realidades. Diante disso se faz a reflexão sobre princípios como a solidariedade, a compaixão, o cuidado e a espiritualidade que as famílias são

chamadas a cultivar, diante das circunstâncias fragmentárias que vive a sociedade hoje. A incerteza e falta de bases sólidas para os principais aspectos da vida humana, sobretudo, na dimensão do trabalho e das relações interpessoais, clamam por novos fundamentos para a existência humana.

2 A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Refletir sobre a família, hoje, requer uma compreensão da evolução desta ao longo do tempo. O que existe como família é desdobramento de um princípio vital ocorrido nos primórdios da realidade humana. Uma das verdades sobre família que podemos tê-la como certa é a de que ela está sempre em transformação. Muitos foram os modelos de famílias registrados ao longo dessa evolução.

Neste capítulo veremos algumas conceituações sobre família; uma breve descrição sobre a história da família e finalmente a reflexão sobre o atual modelo de família que se encontra num momento de assimilação de novas composições gerando um certo “descompasso”, até que o tempo se encarregue de adequá-los ao ritmo de transformação da sociedade.

2.1 Família: conceito e evolução

Os conceitos que se tem de família estão relacionados com a dinâmica das transformações que esta foi recebendo ao longo dos tempos. Diante de cada nova demanda social, seja através de novos direitos reconhecidos, ou por novas práticas assimiladas no processo de organização da sociedade, novos conceitos e teorias surgem para abarcar estas categorias no sistema de análise e de compreensão dessa realidade. Apresenta-se, agora, uma breve seleção de definições que expressam compreensões sobre o tema família.

2.1.1 Conceitos de família

Ao verificarmos os conceitos de família, nos deparamos com inúmeras descrições que tentam dizer o que é a família. Em seu livro “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, Engels descreve uma definição de Morgan, que afirma: “A família é um princípio ativo. Nunca permanece estacionária, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui, de uma condição inferior para outra superior”.³ A evolução do processo de organização da família, segundo Engels, acompanha as transformações que ocorrem na sociedade, com a passagem de estágios inferiores para estágios superiores do desenvolvimento social.

³ FRIEDRICH, Engels. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 2. ed. revisada. São Paulo: Escala [s.d.], p. 41.

Segundo Urbano Ziles, “a palavra família deriva do latim *famulus*, significando o conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor”.⁴ É a designação patriarcal de família, em que todos os que estavam próximos do senhor eram considerados suas posses: filhos, escravos, animais, mulheres. A figura de um chefe, o *pater familiae*, que exercia todo poder possível era a característica na sociedade romana antiga.

Na visão de Adriana Caldas, “a família pode ser entendida como um grupo social no qual se descobre um laço coesivo entre seus componentes, uma consciência de unidade, outrora denominada consciência de nós”.⁵ A partir desse pressuposto, deduz-se que a família é o lugar por excelência de maturação humana, onde se adquire os princípios para que se crie uma identidade pessoal e coletiva. Assim se vive as duas principais realidades humanas, a conjugação do eu e do outro. É o senso de pertença coletiva que capacita o sujeito a interpretar o tempo e perceber que sua existência está condicionada a uma historicidade. Adriana Caldas descreve a ideia de Giselda Maria N. Hiranaka, afirmando:

a família é uma entidade histórica, ancestral como a história, interligada com os rumos e desvios da história ela mesma, mutável na exata medida em que mudam as estruturas e arquitetura da própria história através dos tempos, a história da família se confunde com a própria história da humanidade.⁶

Jorge E. Maldonado descreve família como “a unidade social básica, formada ao redor de dois ou mais adultos, que vivem juntos na mesma casa e cooperam em atividades econômicas, sociais e protetoras, bem como no cuidado dos filhos, próprios ou adotados”.⁷ Esta definição ainda não considera as famílias monoparentais, onde pode existir apenas um adulto com crianças e adolescentes. Isto evidencia o processo contínuo de transformação pelo qual a família está inserida. Unidade social e econômica são características fundamentais desde as primeiras experiências da vida coletiva.

⁴ WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 9.

⁵ MALUF, Adriana C. do Rego Freitas Dabus. *Novas Modalidades de Famílias na Pós-modernidade*. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Direito da USP. 2010, p. 11

⁶ MALUF, Adriana C do Rego Freitas Dabus. Apud. Hiranaka, Gisele Maria. *Novas Modalidades de Famílias na Pós-modernidade*. Tese de doutorado. N. p. 12

⁷ MALDONADO, Jorge E. A Família nos tempos bíblicos. In: *Ultimato, Casamento e família: Uma abordagem bíblica e teológica*. Viçosa – MG, 2003. p.12.

2.1.2 A evolução da família

É comum aqueles que defendam uma existência natural de família. Na compreensão religiosa cristã as ideias de naturalismo para a família são muito defendidas. Mas o modelo que se defende é o modelo moderno de família, como se estivesse presente nos primórdios das agregações familiares existentes. Sabe-se que os primeiros agrupamentos sociais não constituíam famílias nos moldes que se tem hoje. Os primeiros grupos que surgiram foram associados com bases nos instintos sexuais sem a intenção de criar uma família que pudesse servir de fundamento para a sua existência. Surgem sim, mas de maneira aleatórias. Não havia intenção delimitada em relação a ser união passageira ou não; a ser monogamia ou poligamia, poliandria ou poliginia.⁸

Engels, a partir de Morgan, afirma “existir na época primitiva um comércio sexual sem limites, de modo que cada mulher pertencia igualmente a todos os homens e todos os homens igualmente a todas as mulheres”.⁹ Pode-se afirmar que nesta fase uma delimitação de família careceria de uma compreensão mais profunda das relações que envolviam as pessoas e os grupos, sobretudo quando se percebe a ausência de normas. Porém, não existe nada de definitivo sobre a real forma de convivência desses agrupamentos familiares primitivos.¹⁰

De qualquer maneira, a família é a primeira forma de organização social que surge na humanidade. Para Adriana, “a família encontrou no culto religioso o seu principal elemento constitutivo”.¹¹ O fundamento da família seria a religião e não a afetividade que poderia ser a causa das relações familiares. Pode-se afirmar que a religião foi umas das primeiras manifestações que expressam a evolução humana. Defende Sir John Lubbock que ‘raças em estágios semelhante de desenvolvimento mental, por mais distintas que sejam as suas origens e as regiões onde habitem, tem conceitos religiosos muito semelhantes”.¹² De acordo com os estudiosos as primeiras interpretações do mundo e da própria vida, os humanos buscaram a partir das crenças e rituais religiosos. Para que a atividade racional lograsse interpretar as coisas foi necessária uma parcial superação dessas crenças. Afirmando o descrito anterior, acrescenta Adriana:

⁸ MALUF, 2010, p. 18.

⁹ ENGELS, [s.d], p. 42.

¹⁰ ENGELS, [s.d] p. 44.

¹¹ MALUF, 2010, p.18.

¹² BOWKER, John. *O livro de Ouro das religiões: a Fé no Ocidente e Oriente, da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 14.

Assim, dispõe-se que a gênese da família encontrava-se na autoridade parental e na marital, unida à força suprema da crença religiosa. Sendo na concepção antiga, a sua formação, mais uma associação religiosa do que uma formação natural. Dessa característica decorre a importância suprema do casamento religioso, primeira instituição estabelecida pela religião doméstica, capaz de dar legitimidade à prole e à manutenção da própria entidade familiar, pois era imprescindível para os antigos, a existência de herdeiros varões para dar continuidade ao culto dos mortos, pois a ausência daqueles poderia causar a extinção de uma família e de sua religião.¹³

Neste contexto, a família existia para dar continuidade à religião doméstica, sendo o lugar onde se desenvolveria uma compreensão transcendente da existência. A identidade da família parece ser a de uma apropriação dos poderes místicos através das práticas de rituais religiosos.

No mundo romano, as famílias estão estritamente relacionadas com a existência da própria sociedade, sobretudo da cidade. Estabelece-se uma descendência natural entre o surgimento da família e da cidade. Diz-se que a organização primitiva formou a gens e a união destas, formou a Civita, oriunda da agregação de outras gentes.¹⁴ Hoje, quem tentar compreender a família romana a partir do modelo atual, estará equivocado. Não existia na família romana uma dependência recíproca entre os seus membros, mas a submissão de um chefe, chamado de *pater familiae*. Destaca Perozzi que “os parentes de sangue, ou naturais (cognatio) não são, em Roma, a base de um grupo social, e não tem particularmente nenhuma relação com a instituição da família”.¹⁵

Na família romana, além, naturalmente, da existência dos filhos, fazia parte dessa estrutura uma ampla cadeia de relações. Eram pais, filhos, parentes, escravos, animais, tudo sob a autoridade da mesma pessoa, o *pater*. O poder paterno não era distinto do poder do Senhor. Neste sentido, a afetividade familiar (pais e filhos) era praticamente inexistente porque todo o grupo familiar estava sob o mesmo mando. Charmont afirma, que

assim, a autoridade do pai sobre os filhos e os escravos é eterna e se exerce, igualmente, sobre os descendentes de uma e de outra classe, possibilitando o exercício de um direito ilimitado: direito de venda, direito de vida e de morte. Os escravos e os filhos são para o pai instrumentos adquiridos, não podendo possuir nenhum bem pessoal, e só existindo para a família como um patrimônio, e este patrimônio é administrado sem que o pater sofra qualquer controle.¹⁶

¹³ MALUF, 2010, p.18-19.

¹⁴ MALUF, Apud, Silvio Perozzi, 2010, p.20.

¹⁵ WAGNER, Adriana (Coord.). Apud, Charmont. *Família em cena: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes*, 2002, p. 23.

¹⁶ WAGNER, 2002, p. 26.

Na família feudal patriarcal já se encontram algumas mudanças significativas comparadas às anteriores concepções, segundo as quais Marx escreve: “Os diferentes tipos de trabalhos são funções da família e a força-trabalho, tomada individualmente, funciona por sua própria natureza, apenas como órgão da força-trabalho comum da família”.¹⁷ Estas mudanças apontam para uma superação das relações primárias, onde vigora uma divisão espontânea das funções familiares, e vê surgir, segundo Adriana Wagner, o aparecimento gradual da importância jurídica das relações de sexo e de sangue, que ajudam no processo de desvinculação do indivíduo ao grupo que pertence.¹⁸ A incorporação aos sujeitos individuais de um regime de bens demarca o princípio de novas relações familiares, valorizando o ser pessoal e individual. Interpõe-se neste contexto, o início de uma atividade mercantil que trará interferências fundamentais nas relações familiares. Citando Marx, Adriana diz que “não foi o abuso da autoridade paterna o responsável pela exploração direta ou indireta da força-trabalho...mas foi o modo capitalista de exploração que incentivou o abuso da autoridade dos pais”.¹⁹

Em se tratando de família na Idade Média, considera-se a existência de novos elementos não presentes na compreensão da família romana. Além do direito romano que continuava existindo, surge também o direito canônico que dá ao casamento e à família um caráter de sacralidade; e o direito bárbaro,²⁰ como inclusão da compreensão de uma nova cultura. A fusão cultural que ocorre na Idade média, a partir dos três polos principais, proporciona a união da família romana e da família medieval em torno da nova noção de vida conjugal e de filiação, tendo máxima importância o elo que os une.²¹ Na visão de Nadaud, esta nova perspectiva familiar passa a ser centro de estrutura da sociedade, lugar onde se exerce o poder.²² Este poder é revestido de transcendência, ao passo que a igreja legitima a submissão feminina ao masculino e se coloca como representação divina na terra e assim passa a estabelecer novos critérios na organização familiar e social. Como a igreja, a família passa a ser institucionalizada e naturalizada como criação divina.

¹⁷ WAGNER, 2002, p. 24.

¹⁸ WAGNER, 2002, p.27.

¹⁹ WAGNER, Apud, Marx, 2002, p. 28.

²⁰ MALUF, 2010, p.28.

²¹ MALUF, 2010, p.29.

²² MALUF, 2010, p.29.

Por fim, a família na Idade Média passou a ser reflexos da síntese entre as três tradições até então, diferentes. Tanto a família romana quanto a bárbara eram entidades que tendiam para uma prática monogâmica. Isto é reforçado pela igreja que desenvolve a doutrina do casamento divino. Havia neste período a modalidade do casamento por compra, onde a vontade das partes não era considerada, sobretudo, a da mulher²³. Embora a igreja tivesse influenciado, para a superação dessa prática, de acordo com o *Edit Clothair II* (584-629), essas compras continuavam sendo efetuadas.

A passagem para a Idade Moderna não garante que de uma hora para a outra tudo seja transformado. Com um pé na idade anterior e outro na modernidade a sociedade foi tecendo os novos fios que gradativamente substituiriam a rede das relações sociais e familiares até então existentes. A mudança no desenvolvimento econômico e social serve de referência para a nova fase. O capitalismo em expansão provoca alterações profundas e indica os rumos que seguirá a sociedade. Sabe-se que a família nuclear se fortalece a partir dos ideais da modernidade. Segundo Adriana Wagner, na família moderna surge duas questões fundamentais, que se colocam como centrais: a questão do trabalho e a do indivíduo. Descreve:

O caráter universal e cíclicos que a divisão social do trabalho acelera e desenvolve, a separação do indivíduo de seu grupo, numa colocação meramente naturalista da política, retira progressivamente das funções produtivas da família qualquer vestígio das relações patriarcais e reduz a comunidade de produção à mera comunidade de educação e de sustentação.²⁴

Para Marx a velha família foi dissolvida em vista de uma nova fundamentação econômica, criada pela grande indústria.²⁵ A base de sustentação da família deixa de ser a produção comunitária para ser uma nova produção econômica baseada no trabalho assalariado. Ainda nesta direção, Engels afirma que “a família individual moderna está baseada na escravidão doméstica, transparente ou dissimulada, da mulher; e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são compostas exclusivamente por famílias individuais”.²⁶ Esta visão é uma crítica radical do processo de escravização que ocorre dentro da própria família, fomentada pelo sistema econômico. E, a mesma estrutura de poder e de dominação que ocorre na sociedade,

²³ MALUF, 2010, p.31.

²⁴ WAGNER, 2002, p. 30.

²⁵ WAGNER, 2002, p. 24.

²⁶ ENGELS, [s.d], p. 84

ocorre também no seio da família, quando se diz que o homem é o burguês e a mulher o proletário.²⁷

Embora as questões econômicas e individuais sejam referências da família moderna, esta não é uma totalidade homogênea, mas um universo de relações diferenciadas, onde as mudanças ditam os ritmos destas relações.²⁸ É na família que se aprende a experienciar os fatos básicos da vida. Na modernidade a afetividade é vivida como um dos valores mais nobres da relação familiar. Para Jean Kellerhals os indivíduos da família moderna parecem esperar da família tudo aquilo que a sociedade lhe recusa.²⁹ Neste sentido, parece que os indivíduos modernos estão sufocados e, fora, não encontram formas de alívios como encontram na família, ainda que as relações sejam conturbadas.

A sociedade em si não fornece um senso de pertença que as pessoas encontram na família. Apesar de todas as influências sofridas, e do modelo assimilado como natural, a família moderna continua a trajetória da família, descobrindo outros paradigmas e novos pressupostos.

2.2 Sociedade atual: um mundo de incertezas

Pode-se dizer que a atual sociedade é processada por rápidas transformações. Muitas dessas, para melhor e outras tantas, para serem refletidas quanto aos benefícios que trazem à sociedade. Não é intenção fazer uma descrição de todo o processo de desenvolvimento que se fez presente ao longo da modernidade, mas refletir, sobretudo, muitas consequências desse processo. O pano de fundo da atual realidade foi a expansão do racionalismo técnico que, a partir da automação industrial, inicia a criação de novos produtos que são incorporados às necessidades humanas, como benefícios importantes. Por outro lado, começa a se desenvolver a experiência do consumo como satisfação das novas necessidades surgidas. O capitalismo alarga seus tentáculos para além das demandas de primeiras necessidades, despertando o desejo de consumo.

A sociedade moderna motiva a possibilidade desse desejo quando se cria um modelo de família, o modelo burguês, cuja função é servir como base de reprodução

²⁷ ENGELS, Friedrich. p. 84.

²⁸ CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). Família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez Editora, 6ª ed. 2005, p.39.

²⁹ KELLERHALS, Jean. *Microssociologia da família*. Portugal: Publicações Europa-América, LDA. Coleção Saber. 1984, p.17.

e de produção, para que, com sua força de trabalho, multipliquem-se os lucros da atividade produtiva capitalista. Nesta perspectiva, Sarti descreve que as estratégias usadas pelo mercado, “reduziram a família a um arranjo para a sobrevivência material, concebendo a família como uma unidade de consumo”.³⁰

Além de ser unidade de produção a família é também para o mercado, unidade de consumo.

As buscas e os desejos individuais provocados pela sociedade do bem-estar, cujo fundamento é o consumo, desemboca numa realidade imediatista e desestabilizadora das referências que outrora sustentara a existência humana. O afeto, substrato maior da vida humana e, sobretudo, da família, parece que está perdendo o seu protagonismo diante da virtualização dos relacionamentos e da fluidez do tempo presente. Bauman afirma que,

Em suma: foi-se a maioria dos pontos firmes e solidamente marcados de orientação que sugeriam uma situação social que era mais duradoura, mais segura e mais confiável do que o tempo de uma vida individual. Foi-se a certeza de que nos veremos outra vez, de que nos encontraremos repetidamente e por um longo porvir.³¹

O desejo de consumo superou a luta pela sobrevivência física. Por outro lado, as representações simbólicas como expressão da cultura que deu sentido duradouro a muitas gerações, à vida e, que criam a identidade coletiva, estão se esvaindo e sendo engolidas pelo simbolismo do mercado através do individualismo. O trabalho como meio de aquisição dos bens de consumo se torna promessa para a realização do desejo, prolongado indefinidamente. Segundo Bauman, “promessa de satisfação de desejos somente continuará sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado”.³²

Nesta sociedade a atuação do consumo sustentado pelo espírito do mercado é cada vez mais profunda, a ponto de penetrar as “profundezas superficiais” das motivações que fomentam algum tipo de segurança mais estabilizadora e cortar as incipientes raízes que aí poderiam nascer, em formas de sonhos e projetos a longo prazo. Na visão de Bauman, esta é uma sociedade sem utopias e sem expectativas:

A taxa de mortalidade das expectativas é elevada, e, numa sociedade de consumo funcionando adequadamente, espera-se que cresça

³⁰ SARTI, Cynthia Andersen. *Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Tese de doutoramento. Departamento de antropologia, faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994, p. 40.

³¹ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 47.

³² BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. 2. ed. Revisada. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 105.

continuamente. A expectativa de vida das esperanças é minúscula, e só uma taxa de fecundidade extraordinariamente elevada pode salvá-las da diluição e da extinção. Para que as expectativas se mantenham vivas e novas esperanças preencham o vazio deixado por aquelas já desacreditadas, o caminho da loja à lata de lixo deve ser curto, e a passagem rápida.³³

Esta forma de ser e estar no mundo são apenas consequências de uma promessa de que a sociedade da técnica traria a maioria humana e que este humano poderia usar todo o seu potencial de liberdade para orientar a própria vida, sem mais a tutela de instituições que limitariam essa busca.

No limiar do século XX o que se vê não são as realizações das promessas anteriores, e sim uma era de incertezas e contradições. Começa-se a perceber que a estabilidade política e econômica estava ficando aquém das expectativas para o início do novo século. Para Cotrim e Mirna Fernandes “o incerto começou a ocupar o espírito do mundo contemporâneo a partir de seu maior baluarte: a ciência”.³⁴

O século XX evidenciou as profundas contradições do sistema de mercado que, para Cotrim, foram eventos especialmente trágicos “na qual a irracionalidade alcançou dimensões gigantescas: as duas guerras mundiais, que derramaram sangue numa escala jamais vista na história da humanidade; a barbárie nazista que assombrou o mundo”.³⁵

Além de não reduzir a desigualdade social, essas promessas fracassaram e se tornaram a marca mais visível, até hoje, dessas contradições. É imerso nesse panorama que se encontram as famílias e as pessoas.

O individualismo contemporâneo traz uma nova forma de ser que torna frágil e deteriora a importância das tradições duradouras, como a religiosa e outras, que serviram de suporte para o existir humano. Nesse sentido, Petrini destaca que este individualismo,

alimentado pela sedução do novo, segundo os modelos estabelecidos pela moda, promoveu uma ética lúdica e consumista que foi abandonando não somente os valores das tradições religiosas, mas qualquer sistema de significado que exigisse disciplina, rigor, sacrifício, fidelidade aos compromissos assumidos, para perseguir as metas propostas.³⁶

³³ BAUMAN, 2009, p. 107.

³⁴ COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de filosofia*. Manual do professor. 2. edição. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 305.

³⁵ COTRIM; FERNANDES, 2013, p. 305.

³⁶ PETRINI, CAVALCANTI, 2005. p. 37.

A ontologia da modernidade é a sensação de liberdade total sem que aja uma responsabilidade pela forma como se está vivendo. Ou seja, a identidade profunda do ser humano está sendo moldado pelos “valores” defendidos pela modernidade e pós-modernidade: o consumo. O consumo não tem responsabilidade pela preservação do meio ambiente; o individualismo não tem responsabilidade pela gratuidade e pela solidariedade; o bem-estar pessoal não tem responsabilidade pela luta de um bem-estar coletivo e partilhado. Isto, são alguns aspectos do que é a sociedade atual.

2.3 Consequências do atual estado de insegurança

As consequências sobrevindas à sociedade, daquilo que se está vivendo, são o aumento do medo e das doenças que estão se tornando rotineiras na vida da população, sendo motivos de graves ou leves crises também no seio familiar. O que desencadeia a sensação de insegurança? Jorge M. Maldonado descreve que a insegurança e a crise se manifestam “quando uma pessoa ou uma família percebe um acontecimento, situação ou estímulo como inesperadamente devastador”,³⁷ como a morte de alguém. Mas, na era atual a família é o espaço sensível onde se manifestam as controvérsias, as contradições e os desajustes desta realidade. A angústia e a insegurança estão presentes nas relações familiares fragilizadas pelas investidas de novos modelos de vida e de comportamento. A imersão no mundo do incerto gera mais dúvidas e inseguranças do que certezas que poderiam delimitar futuros em horizontes longínquos. Maldonado descreve que: “Diante do perigo percebido como demolidor, as pessoas entram em colapso e /ou não encontram caminho efetivo para enfrenta-lo”.³⁸ Essas situações da vida real são desencadeadoras de doenças físicas e psíquicas.

As famílias e os indivíduos vivem na esfera do vulnerável, tanto física quanto psiquicamente. E, neste sentido a sociedade do consumo se organiza para criar novas dimensões do consumo, que ultrapassam o senso da vida sadia e robusta, para se instalar na fragilidade de corpos doentes. Para que a ideologia do mercado funcione de forma perfeita, produzem-se as doenças - ansiedades, depressões, vícios – e ao mesmo tempo veiculam-se através de intensas propagandas os remédios para aliviar

³⁷ MALDONADO, Jorge E. Intervenção em Crise. In: SANTOS, Hugo N.(editor). *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Leopoldo: Aste, 2008. p. 159.

³⁸ MALDONADO, Jorge E, 2008, p. 159.

o que se está sentindo. Basta ver o grande número de farmácias que existem em uma cidade. Em seu artigo, Joelson T. Rodrigues enfatiza:

Fica evidente que as indústrias farmacêuticas não pretendem, com as suas propagandas, meramente informar sobre as características e vantagens de seus produtos; muito mais do que isso, existe a intenção de se vender a ideia de que a medicação pode restaurar o equilíbrio, dar ao indivíduo condições de ter uma vida produtiva, reintegrá-lo plenamente à sociedade, proporcionar-lhe alegria e sentido. A medicação passa, então, a ser mais um agente na constituição do sujeito.³⁹

Para Rodrigues, a descoberta dos antidepressivos que se tornara eficaz juntamente com a psicoterapia, pensamento dos anos 50, agora não se mantém mais. E acrescenta: “As promessas de novas medicações são cada vez mais sedutoras, pois ao invés de anos de tratamentos em um processo psicoterapêutico, as novas substâncias desenvolvidas acenam com a abolição dos sintomas em poucas semanas”.⁴⁰

É uma característica atual delegar o cuidado para os profissionais de saúde e a segurança para os remédios. Pode-se afirmar que isto é uma das consequências fundamentais no atual contexto. A família vem experimentando este estado de impermanência, sobretudo, no período que se chama pós-moderno. Existem muitos benefícios, mas também muita insegurança nesse sentido. Um dos benefícios que podemos apontar, por ser também uma questão de bom senso, é o crescimento da igualdade entre os membros da família. Este valor tornou a convivência mais democrática facilitando uma melhor convivência entre marido e mulher e entre pais e filhos.⁴¹

Por outro lado, afirma-se como limites, conforme Petrini, que “a exigência de satisfação no presente colocou em questão o ideal do sacrifício individual para o bem da família. O limite da responsabilidade individual ao sacrifício para o bem do outro ficou mais baixo, sendo mais rapidamente alcançado o ponto de saturação no relacionamento conjugal”.⁴² Provavelmente estas dificuldades são motivações de inúmeras separações entre os cônjuges.

³⁹ RODRIGUES, Joelson Tavares. *A medicação como única resposta: Uma miragem do contemporâneo. Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 13-22, jan./jun. 2003. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud>. Acessado: 15/02/2017. p. 17-18.

⁴⁰ RODRIGUES, 2003, p. 19.

⁴¹ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.43.

⁴² PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.43.

Enfrentando todos os desafios do momento, mesmo vivendo certa ambiguidade por não ter muito claro qual é o seu papel na sociedade, a família tenta se readaptar. Jacques G. Maison afirma o seguinte:

O homem e a cidade moderna sofrem de cronopatia (incapacidade de situar-se no tempo). Já não há mais tempo e espaços bem ritmados e circunscritos. A promessa amorosa e a aventura familiar de maior alcance se ressentem por demais disso. Decorre daí a ambiguidade de uma certa conquista da família que se exprime às vezes como a procura de uma estufa artificial, de uma matriz substitutiva, de uma permanência compensatória.⁴³

Fica aí o sentimento do dever não cumprido e a nostalgia de que o passado era melhor. Essa sensação provoca questionamentos sobre se as mudanças promovidas foram superficiais demais sem apontar para um futuro. Então, “eis-nos sem tradição, sem experiência, sem referências para o futuro”.⁴⁴

2.4 O atual paradigma da família contemporânea

Falar de modelos de família não é tarefa fácil. Isto porque não existe um modelo único que sirva para todas as formas de agregações familiares. Os modelos tendem a engessar a diversidade dentro de uma única concepção. Refletir sobre família na contemporaneidade é sensibilizar-se para todas as manifestações que se denominam como família, sem, a princípio fazer juízo de valor. A realidade está posta, tendo como pano de fundo a pluralidade, o provisório e a impermanência.

O que existe de comum na sociedade contemporânea moderna é o espírito, as motivações que direcionam as buscas e desejos, ultrapassando a singularidade das estruturas familiares. Ou seja, parece que todas as pessoas querem de alguma forma as “grandes benesses” oferecidas pelo sistema econômico vigente. Mergulhado numa sociedade que a cada dia ultrapassa, aparentemente, seus próprios limites, o ser humano surfa nas novas ondas que aparecem e desaparecem constantemente. Na tentativa de uma realização pessoal, faz-se inúmeras experiências sem a perspectiva de que sejam duradouras. Assim se estabelecem também novas concepções de famílias e relacionamentos.

⁴³ MAISON, Jacques Grand'. *A família moderna: lugar de resistência ou agente de mudanças*. In: *Família Crise ou Transição*. Concilium/141 – 1979/1. Sociologia da religião. [S.l.: s.n.]. p. 61.

⁴⁴ MAISON, [S.l.: s.n.]. p. 61.

2.4.1 Novos arranjos e dinâmicas familiares

Na atual conjuntura social a velocidade das mudanças e da comunicação tornou os espaços finitos. Neste sentido, muitas formas de organização social também perderam seu ser absoluto e passaram a ser regidos por dimensões transitórias. O significado do ser família ganhou novas incorporações e também flexibilidade que permite a quebra da “aliança ou do pacto” se não houver uma satisfação individual desejada. Os casamentos e descasamentos, as novas modalidades de uniões conjugais refletem a busca da subjetividade atual.

Diante de tudo isso, fato é que a família, nas suas várias dimensões, continua sendo o lugar por excelência do cuidado para com a vida. Pode acontecer, como está ocorrendo, grandes mudanças, mas ela continua sendo o espaço de acolhimento e de recolhimento para o ser humano. Embora se tenha modificado as bases da moral familiar, que tinham como referência a moral familiar cristã⁴⁵, presente na sociedade ocidental, agora, não mais exclusiva, a família continua se adaptando aos novos tempos. Na perspectiva da doutrina cristã, os teólogos e estudiosos cristãos fazem a apologia aos princípios característicos deste pensamento. Assim, defende Leclercq,

O amor humano tem, pois, por objeto a união tão completa quanto possível de um homem e de uma mulher que encontram um no outro o seu complemento. Trata-se de dois seres humanos, com a mesma dignidade, com o mesmo direito de se realizarem integralmente sem que um tenha o direito de escravizar o outro.⁴⁶

Mas, a contemporaneidade ignora este discurso e deseja atingir completude da união a partir de outros parâmetros - podendo estar presente também estes - àqueles que defendem a tradição, incorporando valores novos neste processo. Para o autor citado acima, a legitimidade desta união acontece a partir das diferenças que compõem a união: pessoas de gêneros diferentes, afirmando que o “homem e a mulher tem necessidade um do outro em toda a progressão de suas vidas, e a vida é um todo contínuo”.⁴⁷ Na compreensão atual, estes requisitos estão sendo superados. Tem-se a experiência de que as diferenças de gêneros não são mais empecilhos para as trocas amorosas ou o desenvolvimento da eroticidade e afetividade. Hoje, existem organizações familiares cujo relacionamentos não são pautados, exclusivamente,

⁴⁵ LECLERCQ, Jacques. *A família*. São Paulo: Quadrante, 1968, p. 10.

⁴⁶ LECLERCQ, 1968, p. 15.

⁴⁷ LECLERCQ, 1968, p. 15.

pela centralidade homem e mulher, mas pela centralidade dos sentimentos, que são desenvolvidos também entre pessoas do mesmo sexo.

Estas novas formas de relacionamento flexíveis que fazem parte da vida familiar são indícios de que se vive hoje a experiência de muitas outras facetas da existência humana. Alguns aspectos dessas novidades são os novos agrupamentos familiares que fazem surgir novas modalidades de famílias. A tradicional modalidade matrimonial não é mais a única a existir. Para garantir o direito às novas modalidades, as leis promovem inclusões e emendas que possam respaldar essas novas demandas. Segundo Adriana “o desenvolvimento da sociedade e a alteração dos costumes, modificou-se também a conceituação da família, retirou-se a primazia da família matrimonial como sendo a “família legítima” e estendeu-se sua proteção a outras modalidades de família”.⁴⁸ Vê-se nessas transformações que a base, até então “natural”, da constituição da família, o matrimônio monogâmico, está passando por mudanças significativas.

Parte do debate atual sobre família, não gira em torno da monogamia ou poligamia, mas da inclusão da união homo afetiva, como novo status matrimonial. Para a adequação das novas modalidades, novos conceitos surgiram, como descreve Adriana,

A assunção de um relacionamento estável e duradouro, com intimidade, cumplicidade e afetividade, visando à mútua proteção e a consequente formação de uma família é que determinará a existência de um “casamento” entre dois pares.⁴⁹

Neste pensamento citado, três fundamentos são vistos como legitimador de um relacionamento estável. A intimidade, a cumplicidade e a afetividade são elementos essenciais na compreensão atual, que garantem a existência de um casamento, entendido muito mais como uma união de fato do que uma união oficial.

As transformações que o ser humano provoca ao longo da história, muitas vezes evolução, outras, involução, sempre causam inquietude e temor. Isso traz a sensação de que o passado sempre foi melhor. Jean Remy destaca que para muitos a memória coletiva tende a idealizar as gerações anteriores e que os problemas maiores sempre aparecem no momento presente.⁵⁰ Muito se fala que, grande parte dos problemas atuais devem-se à abertura ao trabalho feminino que deixa o seu lar e

⁴⁸ MALUF, 2010, p. 119.

⁴⁹ MALUF, 2010, p. 146.

⁵⁰ REMY, Jean. *A família: Desafios Contemporâneos e perspectiva histórica. In: Família Crise ou Transição. Concilium/141 – 1979/1. Sociologia da religião. [S.l.: s.n.]. p. 6.*

distancia-se dos filhos. Este é um argumento usado para responsabilizar o trabalho profissional das mulheres como causa de problemas familiares atuais. Esta afirmação não procede quando se considera alguns dados históricos que mostram que em países industrializados da Europa, sobretudo, na Bélgica, havia no século passado muito mais mulheres que exerciam trabalhos profissionais nas fabricas do que hoje.⁵¹

Acredita-se que as novas gerações não possuem os elementos da crítica às gerações anteriores e tampouco a consciência de que o que se vive é, em parte, bem diferente daquilo que viveram seus antepassados. Olhar a família atual não significa ter uma visão pessimista em todos os seus aspectos. Pensa-se que apesar dos desafios da pós-modernidade a principal razão da existência da família continua inabalável: a sua sociabilidade. As novas legislações sobre o matrimônio trazem a equiparação dos filhos legítimos com os não legítimos, apontando que a família é algo forte, que pode ir além da própria legislação.⁵²

Existem, hoje, mais de uma visão e enfoques sobre a família. Pedro Morandé Court destaca que uma das formas considera a função social da família, que se criou ao longo do tempo, “uma estrutura social relevante nas formas básicas da organização social: na regulação da sexualidade, na procriação, na educação, no trabalho, na seguridade social, na economia e na política”.⁵³ Assim, demarcou-se uma função social para a família, fundamentada naquilo que era considerado básico para o desenvolvimento da vida. Era de responsabilidade prioritária da família a educação dos filhos em seus diversos aspectos. Atualmente, descreve Court:

Nem a economia, que inclusive recebeu seu nome do lugar familiar (oikos), nem a educação, nem a política, espera da família um apoio essencial em relação ao cumprimento de suas funções, mesmo quando pode afirmar que as cumprem da melhor maneira se o contexto familiar resultar favorável. Inclusive, até a função mais própria e intimamente indicada à família, como é a procriação humana, nem quando tudo ficou exclusivamente reservado a ela, desde a aparição da fertilização assistida e a eventual produção industrial do ser humano, com bancos de gametas de doadores anônimos.⁵⁴

Desta forma, pergunta-se sobre qual será o papel da família nesta sociedade e qual a sua influência na vida das novas gerações, já que suas funções são repartidas entres as instituições que compõem a sociedade. Se a função social da família é cada

⁵¹ REMY, 1979/1. [S.l.: s.n.]. p. 6.

⁵² PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.13.

⁵³ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.13.

⁵⁴ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.14.

vez mais diluída entre vários componentes da sociedade, qual seria a responsabilidade desta em relação a si mesma? Diante desse questionamento, podem-se levantar outras possibilidades como função social da família hoje. “O resgate da família”, talvez não seja o saudosismo do que já foi ou ainda representa na memória da sociedade, mas perceber que, diante dos novos desafios, a família pode ter uma função antropológica, sendo um espaço vivencial e relacional para o ser humano, que ultrapasse os paradigmas anteriores; mostrando que o ser humano é um ser profundamente dependente um do outro.

Na análise da família atual, não nos faculta fazer comparações, visto que o modelo hegemônico não partiu de uma legitimidade natural, como alguns defendem, nem de uma necessidade social. Nasce do processo de imposição de uma base econômica que traz consigo um novo jeito de ser e compreender o mundo e a si mesmo. A busca da subjetividade, como desejo fundante do ser humano, faz surgir o paradoxo entre os sonhos individuais e o espaço de geração e fomento da solidariedade humana, necessária para os tempos atuais. A centralidade das dimensões individuais e subjetivas dificulta a fecundação da reciprocidade na família, interferindo de forma substancial nos relacionamentos. Nesse sentido, Sarty enfatiza que “O problema de nossa época é, então, o de compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares. Para isso, tem que enfrentar a questão de que, ao se abrir espaço para a individualidade, necessariamente se insinua uma ou outra concepção das relações familiares”.⁵⁵

2.4.2 A família e a adaptação à sociedade atual

Muitos mitos persistem ainda e tentam descrever o porquê o passado foi como foi e por que o presente é como é. Em relação à família subsistem alguns que defendem que a família nasceu unida e se desagregou ao longo do tempo, ou o contrário, que nasceu sem estrutura e que somente agora, com o modelo vigente, “chegou a ser sede de relações pessoais, esclarecidas”.⁵⁶ Esta ideia é parte da lógica evolucionista que defende, neste aspecto, uma maior humanização da família, a partir do modelo idealizado pela classe dominante.⁵⁷ Percebe-se que no decorrer da história a classe dominante é a guardiã de processos sociais e econômicos que garantam a

⁵⁵ CARVALHO, 2005, p. 43.

⁵⁶ WAGNER, 2002, p.72.

⁵⁷ WAGNER, 2002, p. 72.

preservação de seus interesses. A complexidade de um diagnóstico isento sobre a realidade da família atual esbarra em muitas formas de interpretações presentes atualmente. A mesma defesa evolucionista que se vê para justificar o modelo moderno de família, não se vê, por exemplo, para as questões e interpretações religiosas.

A individualização da sociedade é forma ilusória de explicar as coisas e os destinos individuais e familiares. Nenhum indivíduo age por sua completa vontade quando é condicionado pelas inúmeras circunstâncias que os cercam. As vontades individuais são determinadas pela conjuntura invisível da organização social. Para Curt,

quando se toma como perspectiva para a análise da família o cumprimento de suas funções sociais em uma sociedade funcionalmente organizada, como a atual, é inevitável ser arrastado, consciente ou inconscientemente, para a ilusão utópica de que a realidade está instituída por indivíduos autossuficientes que estabelecem suas relações sociais de acordo com a vontade, acreditando que está em condições de definir a sexualidade, a paternidade, a filiação, a consanguinidade, a cultura e todos os demais aspectos constitutivos da sociabilidade desde si mesmo e com total autonomia.⁵⁸

Estabelece-se como dificuldade na contemporaneidade a adequação entre os ideais de independência individual e a de interdependência determinada pelas relações parentais e de consanguinidade.⁵⁹ Diante disso, pergunta-se como o ser humano, situado numa família, mas que vive também o que lhe é apresentado, define a sua trajetória. É um ser dividido entre os apelos de individualidade e os desafios de construir uma vida pautada pela necessidade de correlações interpessoais e familiares.

A família é levada a se adaptar às novas circunstâncias que lhes são apresentadas. O centro da vida familiar com suas relações permanece, mas suas formas e seus valores são diversificados e instáveis. Cada vez mais a família é desafiada a se adequar para viver as diferenças de gêneros; para perceber que o outro não só expressa, mas exige que suas vontades sejam consideradas; para substituir uma atitude autoritária por uma postura dialogada; para rever o significado da sexualidade e as diferenças de gêneros não mais como imposição natural, e sim como manifestações culturais. Assim, afirma Petrini: “Enquanto antigos símbolos da diferenciação de gênero são desconstruídos, outras diferenciações emergem

⁵⁸ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.16-17.

⁵⁹ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.17.

espontaneamente, nos jogos de crianças e adolescentes, ou por indução do mercado, segundo seus interesses”.⁶⁰

Ante tantas descrições sobre a família, ela continua sendo desafiada a ser o berço da vida. Maisson reconhece que a problemática familiar é paradoxal, revestida de muitos moldes sociais e culturais, podendo ser uma zona de recuo, de fraquezas, de egoísmos, mas não se pode deixar de perceber que ao longo da história a família realizou papéis não negligenciáveis de oposição e de libertação frente a poderes totalitários, especialmente na era moderna.⁶¹ Na esteira das transformações da realidade humana, certamente não haverá, para Petrini, um modelo de família dominante⁶² como foi até há pouco tempo. “Todas as formas de vivências da intimidade e de arranjos familiares têm direito de cidadania (...) O processo de fragmentação da cultura moderna multiplicará novas possibilidades e opções inéditas”.⁶³ A constatação de que são mudanças irreversíveis não pode ser motivação para se pensar que a família está prestes a desaparecer, mas oportunidades para que se visualize novos horizontes que deem suportes na defesa de modelos que garantam a inclusão humana.

2.4.3 Questões fundamentais da família atual no Brasil

Neste ponto, farei uma reflexão sobre algumas questões que marcam a família contemporânea, como a luta pela sobrevivência, os conflitos familiares, os valores que estão ou não presentes, as questões espirituais ou transcendentais, a solidariedade e a presença das mulheres na direção da família, especialmente dos pobres.

No contexto social brasileiro, especialmente nas grandes cidades, as famílias pobres se organizam a partir de novas configurações que possibilitem a sobrevivência. Em muitos lares são evidenciados pelos pesquisadores a carência daquilo que é básico para a sobrevivência diária. Jerusa Vieira relata em sua pesquisa o acontecido com uma equipe de reportagem que quer registrar a situação de uma família da periferia de uma cidade brasileira. Descreve: “E a TV adentra moradias precárias, chamando a atenção para a ausência de espaços, de higiene, espasmem, de alimento. E a repórter pergunta a uma criança: o que falta em sua casa? – Comida,

⁶⁰ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.45.

⁶¹ Concilium/141 – [S.l.: s.n.]. p. 63.

⁶² PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.51.

⁶³ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.51.

diz-lhe a criança, com naturalidade”.⁶⁴ Isto mostra a estagnação da sociedade brasileira no que diz respeito à situação das famílias que não possuem o mínimo de segurança social de sobrevivência.

Até os anos 70 as ciências sociais situavam os pobres a partir do seu lugar na produção, especialmente na mão-de-obra. As ideias, até então difundidas, eram de que a pobreza era fruto de circunstâncias pessoais e não de realidades sistêmicas. Cynthia Sarti, afirma que “os pobres, categoria estigmatizada como “classe perigosa” pelos grupos dominantes, passaram a ser definidos e identificados nas ciências sociais como os trabalhadores”.⁶⁵ A família dos pobres não era vista como família porque fugia o padrão idealizado pela classe dominante. Neste íterim a reflexão sobre o trabalho feminino faz com que se ampliem os estudos sobre a questão do trabalho, incluindo a presença da mulher na sociedade produtiva economicamente.

Quando se fala da presença das mulheres no mercado de trabalho, sobretudo, das mulheres pobres, não se sabe ao certo se é uma conquista ou uma necessidade. A vida urbana tornou quase que obrigatório que as mulheres das classes baixas busquem algum tipo de rendimentos financeiros, retirando da mãe a função de provedora de afetos e da harmonia do lar. Nem por isso, essas mulheres conseguiram maior reconhecimento por estarem, além dos trabalhos domésticos, buscando complementar a renda familiar com o seu trabalho fora de casa. Nesta direção, Geraldo Romaneio destaca:

Independentemente de a esposa desempenhar atividade profissional remunerada, ou ainda, usufruir de rendimentos provenientes de outras fontes que não do seu trabalho, ela não tem autoridade sobre o marido, seja no plano das representações, seja no aspecto jurídico.⁶⁶

Mas, não se pode negar que existem casos em que a mulher detém o poder de mando na casa, agindo em conformidade com suas ideias e não somente com aquilo que diz ou pensa o marido, confirmando a crença popular de que as esposas mandam na casa e no marido.⁶⁷

Outro desafio para a família atual, de modo particular as empobrecidas, é o ajuste dos conflitos familiares entre pais e filhos. Por outro lado, são os filhos que trazem para a família o significado, a razão de ser. Os filhos passam ser para os pais

⁶⁴ SARTI, São Paulo, 1994. p. 61.

⁶⁵ SARTI, São Paulo, 1994, p. 19.

⁶⁶ CARVALHO, 2005, p.83.

⁶⁷ CARVALHO, 2005, p.83.

motivações para se lutar, para não desistir diante das situações adversas. É a expressão mais importante de vínculo. Assim aponta Sarti, que “entre as relações familiares, é sem dúvida a relação entre pais e filhos que estabelece o vínculo mais forte, onde as obrigações morais atuam de forma mais significativas”.⁶⁸ Há, ainda uma forte hierarquia entre pais e filhos e a educação é concebida como exercício unilateral de autoridade⁶⁹ em que se espera simplesmente a obediência dos filhos. Nas famílias de classe média e média alta, a relação entre pais e filhos ganha outros contornos, a partir da negociação entre eles. Mesmo diante da compreensão patriarcal de família, as camadas inferiores vão também assimilando, através da educação escolar dos filhos, outros elementos e valores presentes na sociedade e questionando muitos dos valores que receberam de seus pais.

Um dado relevante para ser analisado em relação à família de baixa renda é a situação de vulnerabilidade social de grande parte da juventude dessa classe social. Os números sobre os índices de violência em relação à adolescência são alarmantes. Como é sabido, a violência institucionalizada, policial, contra jovens negros das periferias mostra que ser jovem em busca de identidade que não seja dentro dos padrões morais da sociedade branca, é perigoso. Em nosso país, existem poucas políticas que pensem os jovens a partir do ser jovem. O olhar que se tem sobre a juventude que carece de ações dos poderes públicos é sempre em vista do que eles poderão ser e não do que já são. A partir disso, Abramovay menciona, que “pensar a juventude apenas como fase de transição e de ajustamento aos papéis da idade adulta é um dos principais obstáculos para a elaboração de políticas voltadas para os jovens”.⁷⁰

Além da problemática citada sobre a juventude, outras situações vão se avolumando em torno deles. A gravidez na adolescência se torna não somente uma questão juvenil, mas familiar e social. Quem dará suporte às adolescentes diante de uma gravidez? Abramovay descreve essa situação:

Parece que a maternidade/paternidade precoce é um grande achado, solução ofertada pela natureza para os riscos e impasses que nem os adolescentes de hoje, nem seus pais sabem como enfrentar. Acontece que as meninas de hoje são filhas de uma geração que, depois de uma série de desilusões políticas, fez da família a última esperança, o signo vazio de um futuro melhor, numa era neoliberal em que todos os projetos coletivos de

⁶⁸ SARTI, 1994, p. 51.

⁶⁹ SARTI, 1994, p. 51.

⁷⁰ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.59.

construção de futuro foram desqualificados diante da implacável lógica do mercado.⁷¹

Para os pais dessa geração, não mais os pobres e incultos, nem os que sonhavam com transformações e liberdade, a partir da chamada geração de 68, “os seus filhos representam a razão de ser de seus pais. Criar filhos felizes passou a ser o grande, se não, o único, objetivo da vida privatizada do novo milênio”.⁷² A falta de perspectivas para além de si mesmo de pais e filhos das gerações atuais, mergulha, não somente a juventude, no mundo virtual, mas também adultos, inaugurando um novo tipo de relacionamento que há pouco tempo não existia. O poder das mídias modernas transforma ideal de vida a longo prazo, de justiça social e de consciência política em realização de desejos imediatos. O que ensinar para os filhos adolescentes se os grandes ideais já não existem mais?

A pós-modernidade mergulhou as pessoas em sentimentos diversos sem a mediação da razão. A dimensão familiar pode ser a impulsão mais completa no sentido de ter a experiência transcendente. O afago do pai e da mãe abre para a criança uma janela para que mergulhe nos fundamentos da transcendência e do encontro com o outro. Para Petrini, “o primeiro contato familiar abre também ao horizonte da descendência, incutindo na pessoa uma experiência de pertença, numa linearidade associativa que une ancestralidade (o olhar retrospectivo) e o projetivo ou prospectivo da construção da família humana.”⁷³ É na família que se processam as primeiras descobertas sobre si mesmo e sobre o mundo e onde deveria ocorrer as primeiras absorções sobre o sentido existencial do estar no mundo.

É a modernidade que prepara o espírito humano para que se encaminhe na direção da transcendência, quando busca no acesso à própria consciência através da razão, vislumbrar um horizonte que ultrapasse todos os limites até então demarcados. A razão passou a ser a mediação de uma nova transcendência, que culminou nos ideais de emancipação e de liberdade. Estas por sua vez desenvolveram a busca pela satisfação dos desejos através do consumo, limitando aquilo que seria um princípio de infinitude, para uma dimensão materialista e individualista. A experiência individual limita aquilo que Boff, chama de “dimensão transpessoal, ou transcendência que

⁷¹ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.72-73.

⁷² PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p.73.

⁷³ PETRINI; CAVALCANTI, 2005, p. 166.

significa o fato do espírito humano não ser cercado e nem serrado em sua própria realidade; ele sempre desborda e transborda qualquer limite.”⁷⁴

Constata-se que a busca espiritual atualmente mergulhou-se na perspectiva individualista como possibilidade de respostas as buscas pessoais e ao estilo de vida que escolheu para viver. A família nesse contexto abre mão de orientações mais rígidas, aceitando que os valores sejam relativos. Diante disso, vemos crianças e jovens carentes dos princípios básicos que poderão semear a semente da ética, da honestidade em seu ser. Acredita-se que a escola possa de alguma forma, construir nos jovens aquilo que a família abriu mão de construir: a noção de justiça, de solidariedade e de tolerância....

⁷⁴ BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 189.

3 ASPECTOS DE UMA VISÃO BÍBLICA SOBRE A FAMÍLIA

O texto sagrado, judaico-cristão traz a sua visão sobre a família, não distante daquilo que era a realidade daquela sociedade. A ideia fundamental está calcada na questão de uma identidade religiosa que vai se firmando como monoteísta e uma estrutura familiar que caminha para a monogamia. Embora exista ainda, de maneira mais clara, a poligamia no Antigo Testamento, percebe-se que essa forma não parece ser mais o ideal ou a “vontade de Deus”. É algo tolerável, mas não aconselhável.

Independente do seu modo de ser, a família é na visão de Federico Pastor, “o lugar originário e básico da vida humana, da vida de cada indivíduo”⁷⁵. É, na família ou nos grupos familiares mais extensos que o ser humano vem ao mundo e ali faz a experiência da existência. Para a Bíblia a família é o lugar por excelência; no Antigo Testamento, sobretudo, para o conhecimento dos ensinamentos de Deus, Josué fala que sua família servirá ao Senhor, enquanto outras devem fazer a opção a quem servir (Js 24,15). Outras, como a de Abraão, recebem a promessa de serem uma grande descendência e benção para as nações (Gn 12,2).

No Novo Testamento, parece já existir significativas mudanças na família em comparação com o AT. Os textos de Paulo espiritualizam os fundamentos da família, distanciando-se da historicidade do Antigo Testamento nessa questão. Já, Jesus questiona a compreensão de família e quem são os personagens que fazem parte da sua nova proposta de família.

3.1 Uma visão judaica sobre o cuidado na família

Na análise da família na sociedade israelita o que se vê não é uma homogeneidade em que prevaleça a existência de uma estrutura absoluta, o patriarcado, por exemplo, sem que haja outras manifestações. É definido, na verdade, diversos tipos de família, como, patriarcado, fratriarcado e matriarcado. Se sabe que no patriarcado a autoridade está exclusivamente nas mãos do pai. No fratriarcado essa autoridade é exercida pelo irmão mais velho, sendo transmitido de irmão para irmão⁷⁶. Segundo os estudiosos, foram reconhecidos indícios dessa forma social, não somente em Israel, mas também entre os Hititas e Hurritas, na Assíria⁷⁷. A menção

⁷⁵ RAMOS, Frederico Pastor. *A Família na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 39

⁷⁶ VAUX, R. De. *Instituição de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 41

⁷⁷ VAUX, 2003, p. 41.

do fratriarcado pode ser herança da cultura assíria que pode ter influenciado na lei do levirato, admitindo, ao menos, em hipótese, a existência do fratriarcado primitivo.⁷⁸

As sociedades primitivas parecem ser à primeira vista, o lugar onde reina o patriarcado. Mas a predominância desse patriarcado não impossibilitava a experiência de algum tipo de matriarcado presente na sociedade israelita primitiva. Para De Vaux, “o matriarcado é um tipo de família muito mais comum nas sociedades primitivas. Sua característica não é que a mãe exerça a autoridade, caso raro, mas que a determinação seja dada por ela”⁷⁹. O que ajuda a compor esse matriarcado é a civilização de cultivo de baixa escala, certamente nas proximidades das residências, no período da passagem para o sedentarismo, onde a mãe era a principal organizadora das atividades domésticas. A vida familiar se dava na prática da convivência, restrita a pequenos espaços de sobrevivência. Podemos intuir que aí se principia uma visão solidária entre mulheres, que para facilitar a sobrevivência, estabeleciam um tipo de relação diferente da dos homens, que além da visão de submissão que lhe pesava, certamente também pensavam alguma forma de superação dessa visão. Este é o caso de algumas personagens bíblicas, como Rute e Noemi, não presente na relação de Sara e Hagar.

A ideia de um matriarcado doméstico no tempo dos patriarcas não pode ser rejeitada. Lília Dias afirma que nos tempos longínquos da história de Israel as mulheres possuíam significativas atuações na vida religiosa da família e do clã, especialmente das mulheres que vinham da Mesopotâmia, como Sara, Rebeca, Raquel e Lia.⁸⁰ Na mesopotâmia, mulheres que exerciam funções de sacerdotisas, que geralmente não possuíam filhos. Assim, para Lília Dias, “a esterilidade das matriarcas de Israel pode não ter sido acidental ou “divinal”, mas sim provocada pela função religiosa destas mulheres no clã, por sua vez compatível com as funções sacerdotais que exerciam em sua terra natal”⁸¹. Diante disso, pode-se suspeitar que em alguns momentos da pré-história de Israel quem mandava em muitos aspectos da vida do clã era a mulher e não o homem⁸², podendo intuir uma partilha de poder.

Corroborando essa ideia, Sandra Regina Pereira volta mais ao passado, no tempo na Idade da Pedra e faz uma retrospectiva do matriarcado, sustentando que a

⁷⁸ VAUX, 2003, p. 41.

⁷⁹ VAUX, 2003, p. 41.

⁸⁰ MARIANO, Lília Dias. In: *Estudos Bíblicos*, número 85. Petrópolis, 2005, p. 14.

⁸¹ MARIANO, 2005, p. 14.

⁸² MARIANO, 2005, p. 14.

organização social se dava através do clã matriarcal, onde as mulheres coletavam a maioria dos alimentos necessários para a sobrevivência do clã, encarnando a presença viva da Grande Deusa, exercendo, assim, o elo da comunidade com a divindade. Nesse contexto, as sacerdotisas eram as que exerciam a organização dos rituais sagrados, proporcionando às mulheres o controle da sua própria sexualidade e a regulação da sua fertilidade⁸³. Essa sociedade matriarcal dura aproximadamente até por volta de três mil anos a.C., “quando homens nômades pertencentes à tribos de guerreiros começam a invadir os territórios matriarcais, até subjugarem os povos da deusa, sujeitando-as ao poder patriarcal”.⁸⁴ O patriarcado está mais próximo do nomadismo e das atividades pastoris.

Segundo os estudiosos, um dos episódios que sustenta a tese do patriarcado primitivo, que respinga até os tempos bíblicos, é o fato de “Abraão se desculpar por ter feito Sara passar por sua irmã, já que era de fato sua meia-irmã e que a tinha como esposa”.⁸⁵ Assim, alguns pensam que o patriarcado foi à primeira forma de família entre os semitas.⁸⁶ Até então, não era visto como problema o casamento entre meios-irmãos. Diante da necessidade de racionalização da sociedade e de estabelecer normas que orientem os relacionamentos, a prática do casamento entre meio-irmão passa a ser proibida nas leis do Levítico (18,9; 20,17). Outras referências são usadas para defender a hipótese desse patriarcado primitivo. Outro exemplo nesse sentido, foi o casamento de Sansão. Ele é atraído pela família da esposa que passa a ser o lugar de referência desse casamento.

De qualquer modo, independente do que foi a pré-história de Israel, a sociedade israelita nos tempos bíblicos era profundamente patriarcal.⁸⁷ São poucos os autores sobre família no Antigo Testamento que buscam um resgate da pré-história de Israel a partir do pano de fundo do período bíblico. Se este resgate tivesse na pauta da compreensão da sociedade e da cultura religiosa de Israel, talvez tivesse ajudado de forma diferente a compreensão de textos bíblicos, mas, sobretudo na figura da mulher no contexto familiar e social. Muitos exemplos desse período primitivo dão indícios de que as relações familiares, sobretudo a de poder, foram se modificando.

⁸³ PEREIRA, Sandra Regina. *As mulheres e o patriarcado nas comunidades Paulinas*. São Leopoldo: Cebi, 2015, p.6.

⁸⁴ PEREIRA, 2005, p.7.

⁸⁵ VAUX, 2003, p. 41.

⁸⁶ VAUX, 2003, p. 41.

⁸⁷ VAUX, 2003. p. 42.

De vaux mergulha um pouco nessas questões e coloca a mulher em uma situação de maior autonomia e autoridade, embora não sendo argumentos tão convincentes. Federico Pastor, em seu estudo sobre a família na Bíblia não faz menção às ideias defendidas por De vaux. Descreve Pastor: “Dentro do que podemos saber dos tempos patriarcais sobre pais/patriarcas, filhos e netos, com os correspondentes cônjuges e outros parentes colaterais, como primos ou sobrinhos sem família própria”,⁸⁸ ausentando-se de qualquer referência em relação a algum tipo de protagonismo feminino.

Seguindo a lógica do patriarcado, no Antigo Testamento a família é uma unidade menor do sistema social e uma comunidade genealógica de descendência masculina. A existência de várias famílias formava uma organização maior, o clã. Na sociedade israelita antiga, a orientação do ser humano passava pela pertença familiar,⁸⁹ sendo este aspecto mais importante do que as questões de pertencimento ao estado ou ao lugar de habitação. A relação social mais íntima não era a que existia entre marido e mulher, mas a que existia entre pai e filhos.⁹⁰ A relação entre mãe e filhos não era reconhecida com a mesma importância pela sociedade, que a do pai. De alguma forma, o cuidado da família, especialmente dos filhos era exercido pelo pai e pela mãe. Diferentemente de hoje, a sociedade antiga valorizava os anciões homens, com funções importantes. O poder de chefia em relação ao clã era exercido por eles.

Presente em todas as sociedades antigas, na sociedade israelita também se impunha um peso desconsiderável sobre a vida das mulheres. É difícil refletir sobre a família sem mostrar a especificidade da existência feminina nesses contextos. Em termos gerais, a família era considerada um sistema coeso,⁹¹ comandado pelo chefe da casa, o pai, podendo ser desestabilizado do lado de fora,⁹² por um estranho. Esse estranho está encarnado na presença da mulher. Quando ela deixa a sua família e passa a pertencer à família do marido, aumenta-lhe o peso da submissão, estendendo, agora, ao marido e a sua família. Nesse sentido afirma-se:

Como mulheres adicionadas por casamento, permaneciam na periferia de sua nova família. Eram estranhas nelas e subordinadas às mulheres de

⁸⁸ RAMOS, 1999, p. 14.

⁸⁹ DICIONÁRIO Ilustrado da Bíblia. Ronald F. Youngblood; co-editores F.F. Bruce & R. K. Harrison (editores); Tradução, Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p.223.

⁹⁰ DICIONÁRIO, 2004, p. 224.

⁹¹ DICIONÁRIO, 2004, p. 224.

⁹² DICIONÁRIO, 2004, p. 224.

posição mais alta na hierarquia social (sogra). Melhoravam seu status apenas ao dar a luz a um filho que era seu aliado e com o qual tinha dentro da família a relação emocional mais estreita. Textos veterotestamentário pressupõe essa penetração de uma mulher num sistema familiar fechado e veem a noiva como um fator potencial de desestabilização. Mulheres (salvo mulheres reais: viúvas e prostitutas) estavam confinadas à esfera interna privada e relacionada com a família. Um alto prestígio social possuía a mulher que cumpria obediente e silenciosamente suas obrigações, estava à disposição como mão-de-obra, fazia reinar na casa harmonia e calma, apoiava o seu marido construtivamente, reconhecia a autoridade dele, e com essa conduta, dava continuidade às estruturas e tradições familiares estabelecidas.⁹³

Embora haja a predominância do patriarcado nas relações familiares, foram criadas leis para preservar o mínimo de garantia para a vida familiar e, sobretudo, para as mulheres. Na visão de De Vaux, “os membros da família em sentido amplo devem uns aos outros ajuda e proteção”.⁹⁴ Em Israel a prática desse dever de ajudar e cuidar dos membros da família se dá pela criação de uma instituição legal, o goelato, que garantia a obrigatoriedade do cuidado. Cuidar da família, mais do que um dever moral, passa a ser uma obrigação legal. Outros povos nas imediações do oriente próximo, também estabeleceram leis semelhantes com a mesma finalidade. Go’el significa resgatar, reivindicar, e mais fundamentalmente, proteger. Está para proteger os indivíduos e o grupo.⁹⁵ O resgatador é alguém da própria família que garantirá que uma pessoa que se endividou e que não tinha mais possibilidades de pagar, se venda como escravo para o seu credor. Acrescenta, “se um israelita precisou se vender como escravo para pagar uma dívida, deverá ser resgatado por um de seus parentes próximos” (Lv 25,47-49). Esta solidariedade familiar, podemos assim mencionar, estabelece a garantia do cuidado básico para a sobrevivência. Ainda que por força de lei, o compromisso para com os membros da família era uma exigência.

Esta solidariedade familiar garantida por lei vai aos poucos se esvaindo. O senso de solidariedade decresce e a pessoa se desliga cada vez mais do grupo familiar.⁹⁶ O dever da mútua assistência entre parentes não é mais praticado e os profetas se veem na obrigação de defender a causa dos marginalizados: das viúvas e dos órfãos.⁹⁷ Um dos fundamentos dessa transformação na sociedade israelita é a mudança da base econômica que dava sustentação à vida da comunidade. Com a proliferação do sedentarismo, as estruturas sociais e familiares sofrem modificações.

⁹³ DICIONÁRIO, 2004, p. 224.

⁹⁴ VAUX, 2003, p. 43.

⁹⁵ VAUX, 2003, p. 43.

⁹⁶ VAUX, 2003, p. 45.

⁹⁷ VAUX, 2003, p.45.

A experiência coletiva vivida no clã, onde todos realizam muitas funções em conjunto, com a estruturação das cidades, sede espaço para as funções especializadas, como ferreiro e outros, para suprir as demandas da cidade.

3.2 Uma visão cristã sobre o cuidado na família

A conceituação moderna de família é estruturalmente diferente da antiga. Não existe um termo antigo, sobre o que seja a família, equivalente a compreensão atual.⁹⁸ Família na compreensão antiga tem o significado de casa, oikos, oikia, sendo a casa e comunidade doméstica, que em latim significa família, da qual pertencia, juntamente com pai e mãe, os filhos, os escravos e os bens. No Novo Testamento são usados esses termos, acima citados, no sentido figurado para representar, a partir da interpretação teológica e religiosa, algo que indique a Deus. O pai, na compreensão neotestamentária não se refere somente a um pai biológico, mas antes, a figura divina que representa a paternidade de todos os crentes. Os termos familiares são ampliados em torno da comunidade dos que seguem a Deus. O termo *Adelfós* (grego), designa irmão de sangue e também, na comunidade cristã, irmão de fé.⁹⁹

Percebe-se que analisar a família na perspectiva cristã a partir do novo Testamento é encontrar alguma complexidade. Aquilo que o Novo Testamento traz sobre família difere muito daquilo que contém no Antigo Testamento. Segundo Mary R. D'Angelo, nos textos bíblicos do novo Testamento, “evangelho e família se estranham”.¹⁰⁰ Os textos neotestamentários trazem como ápice para a vida humana os ensinamentos de Deus. Nada é mais importante do que ser totalmente obediente para que o Reino de Deus seja estabelecido. De acordo com essa ideia, Jesus estabelece que a principal prioridade dos que fazem parte da “nova família”, a família da fé, é buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e que as outras coisas serão acrescentadas (Mt 6,33).

É nesta direção que Jesus os incentiva a deixarem tudo o que tem, casa, irmãos, campos, pais, filhos, por causa do evangelho (Mc 10,29). O exemplo dos que aceitavam a proposta foram os irmãos Tiago e João, que deixaram seu pai e também o seu sustento para segui-lo. Neste sentido, Jesus faz de uma mulher enferma, a

⁹⁸ DICIONÁRIO, 2004, p. 225.

⁹⁹ DICIONÁRIO, 2004, p. 225.

¹⁰⁰ D'ANGELO, Mary R. Famílias. *Concilium: Revista internacional de teologia*, Petrópolis: Vozes, n.365 (2016/2). 2014, p.12 (172)

sogra de Pedro, agente de serviço, mostrando, assim, que uma das missões da sua nova compreensão de família humana é a superação dos males e a disponibilidade para servir os outros. Outras situações conflitantes são apresentadas nos evangelhos, como a de Marcos 3,20-21, em que a família de Jesus está convencida de que ele está louco; menciona que são seus irmãos e mães aqueles que fazem a vontade de Deus (Mt 12,50). Mateus 10,36 assinala o problema, no dito de Jesus: “Os inimigos da pessoa serão os membros da sua própria família”.

Ora, estas aparentes oposições da família a missão de Jesus, segundo Mary R.,

se encaixam tanto no movimento do Reino de Deus quanto na missão do mediterrâneo mais ampla. O medo e a perda assaltaram os parentes dos pregadores que se puseram a caminho na Galileia, pregando um reino tão diferente do de César ou enfrentaram o mar e percorreram as estradas romanas anunciando uma ressurreição e uma esperança oposta a do império.¹⁰¹

Vê-se assim, a preocupação dos familiares em relação aos parentes que buscavam o caminho da itinerância nos movimentos messiânicos. Nesse contexto, muitos pregadores itinerantes “perderam” suas famílias pela distância e hostilidade, mas os substituíram por outras famílias que encontravam e os acolhiam.¹⁰² Uma dessas famílias foi a família de Betânia que acolhe Jesus em suas peregrinações.

Destaca, Mary, que antes da paz de Constantino, sob as perseguições e conflitos com o império, “a tensão entre as obrigações familiares e o chamado cristão, poderia ser violenta. A mãe e o noivo de Tecla denunciaram-na por seguir Paulo e o celibato”,¹⁰³ evidenciando que o caminho dos líderes cristãos dos primeiros tempos era um tanto quanto duvidoso. A nova compreensão de mundo que se erigia a partir de Jesus, causava muita desconfiança por adotar um estilo de vida não comum naquela situação. É claro que para esses líderes, como Jesus e Paulo, que não instituíram uma família, mas dedicavam-se inteiramente a novidade da pregação do reino, a família não era encarada como prioridade, como era para a maioria da sociedade daquele tempo. Mas é bom lembrarmos que Jesus e Paulo têm ideias diferentes sobre a família e sobre a dimensão de poder a esse respeito.

¹⁰¹ D'ANGELO, 2014, p.13 (173).

¹⁰² D'ANGELO, 2014, p.13 (173).

¹⁰³ D'ANGELO, 2014, p.14 (174).

Pode-se afirmar ou suspeitar que o Novo Testamento, aponte uma possível nova forma de família, a partir da presença de muitas mulheres, que exerciam, de forma não oficial, algum protagonismo nas sociedades das primeiras comunidades. A mentalidade romana profundamente patriarcal influenciava as culturas dos povos que dominava,¹⁰⁴ deixando seu rastro também no cristianismo. Mesmo assim, a ideia de que nas comunidades cristãs inicia-se uma nova compreensão das relações de gênero, não pode ser descartada, por constatar a liderança de algumas mulheres nessas comunidades. No Novo Testamento encontram-se famílias chefiadas por mulheres,¹⁰⁵ como Lídia, em Atos 16,14ss e Ninfa Cl 4,15. Segundo Maldonado,

Entre as 29 pessoas que Paulo saúda no capítulo 16 de sua carta aos Romanos há somente três casais, dos quais nenhum representa a família patriarcal típica daquela época: Prisca (Priscila) é mencionada primeira aqui (v. 3-4) e em Atos 18.18, indicando que ela encabeça a dupla ministerial que forma com seu esposo Áquila. Andrônicos e Júnias (v. 7) são apresentados como um casal de apóstolos em nível de igualdade. Filólogo (que significa aquele que gosta de falar, qualidade supostamente feminina) e Júlia (v. 15) formam o terceiro casal.¹⁰⁶

Estariam estas comunidades de origem helênica, acompanhadas por Paulo, sendo um sinal contracultural, alinhadas mais com as ideias de Jesus do que com as de Paulo? Afirma-se:

Nas tendências igualitárias e críticas à família presentes nas tradições sobre Jesus encontram-se fragmentos de um discurso sobre a família contracultural e escatologicamente motivado, para o qual há alguns paralelos isolados, particularmente nas tradições cínicas e judaico-ascéticas. Tanto os direitos como os deveres de todos os membros da família encontram seus limites na vontade superior de Deus, que, em caso de conflitos, quebra uma família e constitui uma nova, como é demonstrado no exemplo da própria família de Jesus em Marcos 3,2.31-35.¹⁰⁷

A proclamação da eminência do reino feita por Jesus apresenta a proposta para os seus discípulos e seguidores, em repensar a forma da vivência familiar. As tradições e leis que normatizavam a família são postas em questionamento, na expressão, “quem é minha família”.

Há uma exigência de Jesus aos discípulos para que deixem suas famílias por causa do anúncio do reino e “relequem os deveres familiares mais elementares ao

¹⁰⁴ DICIONÁRIO, 2004, p. 226.

¹⁰⁵ DCIONÁRIO, 2004, p.226.

¹⁰⁶ MALDONADO, 2003. p.25.

¹⁰⁷ DICIONÁRIO, 2004, p.226.

último lugar, por exemplo, o enterro do pai”.¹⁰⁸ Jesus apresenta a família de Deus, como alternativa ao modelo patriarcal antigo de família, onde, na nova compreensão, Pai não é mais nenhum representante de família terrena, mas somente Deus. O poder e a dominação¹⁰⁹ são reservados exclusivamente a Deus. Jesus apresenta como modelo de relacionamento familiar entre irmãos, irmãs e pais, o serviço. Usando uma expressão negativa para a época, Jesus afirma que seus discípulos são “eunucos por causa do reino dos céus” (Mt 19,12). A capacidade de gerar filhos, para o homem, como símbolo de controle e de poder da estrutura patriarcal, agora é colocada por Jesus como algo sem importância. O que Ele manda é gerar filhos para o reino. Não existe nessa compreensão a hierarquia familiar a começar pelo pai. O que existe é o dever do serviço mútuo. Esta família esboçada nos evangelhos não é legitimação da existente nos moldes do patriarcado, é totalmente alternativa.

No entanto, não são todos os textos do Novo Testamento que versam sobre a família, que defendem as ideias de Jesus. Embora Jesus tenha considerado válido o mandamento do decálogo de honrar os pais, em Marcos 10,19; surge uma polêmica em Marcos 7,9-13, que mostra que seu interesse era, sobretudo, com a função social do mandamento, que fazia com que os filhos se preocupassem com o sustento dos pais idosos.¹¹⁰ Pensamentos opostos ao de Jesus estão, especialmente, nas cartas de Paulo. Argumenta-se:

Coloca no espírito da tradição filosófica de oikonomia, o mandamento judaico a serviço da subordinação obediente dos filhos e filhas à ordem hierárquica da casa, que fornece a estrutura das chamadas tábuas domésticas, contida em Cl, 3,18-41, em Ef 5,21-6,9. Sob polêmica maciça contra opiniões concorrentes, as cartas pastorais elevam o cumprimento do papel familiar no sentido da tradição da oikonomia.¹¹¹

A primeira carta a Timóteo, 2,15, mostra que o projeto contracultural de Jesus foi enterrado por Paulo, que volta a defender o modelo familiar da sociedade vigente, ao afirmar que a condição da salvação para as mulheres é dar à luz e permanecer no bom senso. Este bom senso é o exercício dos papéis reservados para ela na família. No Novo Testamento não há uma posição única sobre família. Isso mostra que:

As tradições contraculturais enraizadas no âmbito dos carismáticos itinerantes, que questionam a tradicional vinculação da honra materna ao nascimento de descendentes legítimos e da honra paterna o controle sobre

¹⁰⁸ DICIONÁRIO, 2004, p. 226.

¹⁰⁹ DICIONÁRIO, 2004, p.226.

¹¹⁰ DICIONÁRIO, 2004, p. 227.

¹¹¹ DICIONÁRIO, 2004, p. 227.

mulher, filhos e filhas e escravos e escravas, se encontram sem harmonização ao lado de tradições que reforçam essa mesma vinculação no contexto das opiniões correntes da antiguidade em nome de Cristo e propagam a convivência familiar estruturada por dominação e subordinação.¹¹²

Ao passo que se vê a defesa do modelo patriarcal de família, também se percebe dentro desse modelo propostas que instituem uma nova centralidade para a vida da família. A centralidade da lei, marcante no Antigo Testamento se desloca para a possibilidade da vivência do amor, não mencionada anteriormente. Na família do Antigo Testamento o sentimento amoroso não encontrava espaço. O que regia a estrutura da família era a vontade do pater família. No Novo Testamento o pater família vai sendo substituído pela fé que delimita as novas formas de relacionamentos. Ainda que se viva a estrutura vigente, se incorpora na compreensão um novo tipo de compromisso que tenta estabelecer uma nova “visão de submissão” a partir do exemplo de amor dado por Jesus.

Na compreensão da família, entendida por João, na I carta 2,8, Isidoro Mazzarolo, afirma que “na nova família cristã a proposta para esta realidade é de que os fundamentos não estejam mais nos princípios jurídicos de direitos e culturais, de consanguinidade, de pertença ao clã, mas no amor”.¹¹³ Isso reafirma a sentença de Jesus de que os membros da família são os que fazem a vontade de Deus. Parece que esta proposta realmente vai tomando forma nas primeiras comunidades cristãs. O lugar de viver a experiência amorosa deixada por Jesus passa a ser a comunidade e não propriamente a casa de cada um. O texto de Atos 2,42-47 aponta para este novo fundamento, quando afirma que se reuniam diariamente para viverem os ensinamentos dos apóstolos, a comunhão fraterna, as orações e o partir do pão. Vê-se aí uma nova estrutura de convivência que tem como ponto de partida a fé em Jesus. Nesta visão, a nova lei cria uma nova família, em que se estabelecem os vínculos da solidariedade, da reciprocidade e o compromisso com todos¹¹⁴ na expressão, “não havia necessitado entre eles”.

3.2.1 Jesus e a família

¹¹² DICIONÁRIO, 2004, p. 227.

¹¹³ MAZZAROLO, Isidoro. (Artigo...) In: *Estudos Bíblicos. A família na Bíblia*. Petrópolis, n. 85 p. 91, 2005.

¹¹⁴ MAZZAROLO, 2005, p.91.

Ter um olhar adequado de Jesus e a família exige que se percebam as diversas formas de acento que o Novo Testamento traz sobre essa relação. Jesus não é, em termos de família, aquele que somente critica-a. Veremos também o caráter amoroso e instrutivo a esse respeito. Jesus não foi aquele pregador itinerante que rejeitasse tudo o que existia e que dava sentido à vida naquele tempo. Ele confirma a importância da família como realidade fundamental do cuidado humano. Ele nasce numa família e vive com seus pais e seus irmãos no seio dessa família. Vemos em Jesus que sua pregação não se baseava somente em contatos com grandes estruturas da sociedade daquele tempo, como templo, reinos e etc. Ele também se preocupava em visitar pessoas, famílias. O texto de Mateus 8, 14 diz que Jesus entrando na casa da sogra de Pedro, viu-a doente e a curou.

Seu primeiro milagre foi realizado numa festa familiar, a festa de casamento (Jo 2). Vemos que sempre que estava presente numa família, tinha algo novo para ensinar. A partir desse “algo novo” Jesus mostra, ao mesmo tempo, a importância da família, mas também mostra que ela pode ser revestida com um novo sentido e aponta para a quebra das tradições. Essa novidade pode ser percebida, no texto das bodas de Caná, ao mandar levar o vinho novo para o encarregado da festa, que pondera ao noivo de que devia ter servido primeiro o melhor vinho. Sutilmente Jesus diz para a nova família que estava sendo instituída com o casamento, que o mais importante não é manter a lógica comum de convivência familiar, mas ter os ensinamentos do reino como prioridade, caracterizando-se como uma família que faz a vontade de Deus. A presença do “vinho novo” é a nova chave da organização familiar. Nessa festa estava presente também a sua família. “Depois disso, desceu para Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos” (Jo 2,12), enfatizando aí uma vida de relações familiares.

Para Jorge Maldonado,

ainda que Jesus questionasse o conceito de que a descendência biológica judia era suficiente para a membresia no Reino de Deus (Mateus 12.48-50), muito de seu ministério público esteve voltado para a família. Ensinou enfaticamente que o quarto mandamento, de honrar pai e mãe, permanecia válido, acima até das obrigações culturais (Mateus 15.3-6; Marcos 7.10-13). Restabeleceu claramente a igualdade de direitos entre o homem e a mulher no matrimônio ao negar o direito de repúdio e a poligamia (Mateus 19.3-8; Marcos 10.2-9), privilégios patriarcais geralmente reconhecidos no mundo antigo.¹¹⁵

¹¹⁵ MALDONADO, 2003. p.23.

É claro que não se pode imaginar que Jesus fosse contra a família. Mas, se pode afirmar que Ele não se preocupava somente com a sua família. É visível nos evangelhos Jesus dispensar um cuidado especial para os membros mais fragilizados e excluídos do pleno convívio familiar e social: as mulheres e as crianças. Assim, mostra que barreiras deveriam ser quebradas para que houvesse a inclusão e uma vida digna. Usava os discriminados socialmente para enfatizar os valores do seu reino. Para Maldonado, “no trato com as mulheres e as crianças, gente considerada de segunda categoria naquela época, Jesus não seguiu os costumes de seus contemporâneos”.¹¹⁶

Ao mesmo tempo em que via a restrição familiar em relação às mulheres e crianças exigia que algo do passado, o goel, que agia como o resgatador, fosse novamente observado para ajudava a dar o mínimo de garantia às famílias que estivessem passando por dificuldades. A proposta de Jesus em resgatar o goelato, demonstra que as famílias que compõe a família maior do Reino, não podem viver somente para si mesmas. A história mostra que no seu tempo as famílias viviam uma opressão imposta pelas forças oficiais. A política helenista implantada por Herodes Antipas¹¹⁷ fez enfraquecer os clãs que viviam de forma comunitária, levando as famílias a se individualizarem. Mesters afirma que “na prática, o clã deixou de existir como fator de união e de defesa das pessoas e das famílias. Em caso de doença, pragas, má colheita, incapacidade de pagar as dívidas ou outros desastres, as famílias e os indivíduos ficavam sem ajuda, sem goel”.¹¹⁸ Jesus tinha consciência de que não faria uma revolução na família naquele momento, mas que poderia estabelecer um “novo espírito”, o do cuidado, como essência da sua estrutura relacional.

A mudança do paradigma do poder para o paradigma do cuidado é a grande novidade de Jesus para a família. A ausência do cuidado e a presença de poder é característica daquela realidade descrita por Jesus em algumas parábolas. Os poderes dos que “dominam a terra” estão cada vez mais enfraquecendo a fonte da vida familiar, que era a organização das aldeias com suas posses comunitárias. Em Mt 20,26, o dono da terra se apropria dos bens dos seus empregados¹¹⁹ e exige deles mais do que podem e devem. A situação calamitosa levava pessoas pobres a

¹¹⁶ MALDONADO, 2003, p.23

¹¹⁷ MESTERS, Carlos. In: *Estudos Bíblicos. A família na Bíblia. Petrópolis*, n. 85 p. 50, 2005.

¹¹⁸ MESTERS, 2005, p. 50.

¹¹⁹ MESTERS, 2005, p.50.

explorarem outros pobres, não havendo mais nenhum tipo de proteção e segurança para quem estivesse nessas condições.

A ideologia religiosa reforçava no tempo de Jesus, a atitude de fechamento das famílias. A lógica do templo, que visava arrecadar o mais possível de recursos não considerava os costumes que serviam como força integradora das famílias, o clã, mas enfraquecia-os.¹²⁰ Segundo Mesters, “quem dedicava sua herança ao templo podia deixar seus pais sem ajuda. Já não era obrigado a observar o quarto mandamento que era a espinha dorsal do clã”.¹²¹ O Clã deixou de ser a força que dava identidade social e de pertença às pessoas. A força integradora e protetora, que outra existira, vai acabando, e grande número de pessoas vão caindo na marginalidade.

A espera da vinda do messias acionava os desejos do povo do AT que esperava que “antes da vinda do grande dia de Javé”, esperança de que o profeta Elias reconduzisse o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais e restabelecesse as tribos de Jacó,¹²² mostrava o desejo de que o clã, modelo de família comunitária, fosse novamente reconstruído para que a vida voltasse a ser fraterna, solidária e abundante. No tempo de Jesus essa esperança ainda existe. João Batista, com a sua pregação dá início na tentativa dessa reconstrução, mas é parado por Herodes, representante das forças da opressão. Podemos perceber em Jesus essa proposta de reorganização familiar no sentido comunitário, quando vemos o quanto insiste no acolhimento que deve ser dado aos pequeninos e excluídos: “Quem acolhe a um destes pequeninos em meu nome é a mim que acolhe” (Mc 9,37).

O fato de Jesus falar tanto em acolhimento é sinal de que essa prática estava defasada. O fechamento do mundo familiar apontava para o agravamento da vida de muita gente, porque não seriam mais acolhidas e protegidas. Para Mesters, “o fechamento das famílias sobre si mesmas e sobre o seu pequeno mundo impedia as pessoas de se unirem em comunidade e de exercerem o seu dever de goel”.¹²³ Na visão de Jesus, para que o Reino pudesse ser estabelecido era preciso voltar à convivência comunitária que ficara para trás. O mundo da família nuclear não seria compatível com as propostas de reino por ser fechado e individualizado. A condição

¹²⁰ MESTERS, 2005, p.51.

¹²¹ MESTERS, 2005, p.51.

¹²² MESTERS, 2005, p.52.

¹²³ MESTERS, 2005, p. 53.

fundamental para esse restabelecimento era o exercício do cuidado que só seria possível na dimensão comunitária. Sobre isso, enfatiza Mesters,

Jesus tenta rever o processo de desintegração do clã. Como os grandes profetas do passado, procura reforçar a vida comunitária nas aldeias da Galileia. Ele retoma o sentido profundo do clã, da família, da comunidade, como expressão da encarnação do amor de Deus no amor ao próximo...As pessoas devem abrir-se para os outros, para a comunidade. Aqui está o motivo mais profundo da exigência de abandonar pai, mãe, mulher, irmão, irmã, casa, tudo.¹²⁴

3.2.2 Jesus e a família de Betânia

Betânia, pequeno vilarejo próximo de Jerusalém é citada algumas vezes no Novo Testamento. Mas, as menções que são feitas a esse lugar são quase sempre para situar uma família muito próxima de Jesus. Os evangelistas não narram outra família que tenha essa mesma amizade com Jesus. Esta família não é segundo as ideias tradicionais de família. As pessoas que compõe esta família são somente três, duas irmãs e um irmão. Não há registros que indique quem são os pais desses irmãos. Por razões especiais, Jesus fez daquela casa um lugar de descanso e de encontros significativos. Cada personagem dessa família também é carregado de representações singulares, e Jesus tem uma relação única com cada um deles.

Ao aproximar-se dos episódios que dão conta dos personagens da família de Betânia, Maria, Marta e Lázaro, percebe-se que os textos que relatam essa vida familiar trazem, ao menos duas questões fundamentais: a vida e o amor. O que caracteriza essa família não é a sua estrutura física, mas a estrutura afetiva sustentada no cuidado e no relacionamento que ali se estabelece. As duas realidades, a vida e o amor, se inter cruzam em ambos os textos sobre esta família.

O tema da vida descrito por João na ressurreição de Lázaro está contido também em outros textos, como, o novo nascimento proposto a Nicodemos (Jo 3); na afirmação de que veio para que todos tenham vida em abundância; quando se coloca como caminho verdade e vida.... Porém, em nenhum outro, o evangelista dá tanta ênfase no tema vida, como no da morte de Lázaro. A análise deste texto terá como enfoque, a questão familiar, além das outras interpretações na ordem de conversão que são feitas. A morte de Lázaro se revela como um problema familiar. A dor da

¹²⁴ MESTERS, 2005, p. 53.

perda do irmão será uma realidade dura para as duas irmãs, diante do contexto cultural e religioso, que não reconheciam as mulheres como sujeitas de si mesmas. Diante da doença de alguém na família sempre se espera que aqueles mais próximos afetivamente estejam por perto. Os que partilham alguma intimidade são vistos como fontes de consolo e de segurança. Por isso, chega até Jesus um simples comunicado: “Senhor, aquele que tu amas está doente” (Jo 11,3).

Este recado carregado de afeto e sentimento aponta para o tipo de relação que existia entre Jesus e a família de Betânia. O versículo cinco diz que Jesus amava a Marta, a Maria e a Lázaro. Não há evidências, nos evangelhos, em que Jesus demonstre amor tão explícito a outras famílias ou pessoa, como nesta. Dianne Bergant afirma que é “verdadeiramente tocante em relação a essa história a insistência do autor no profundo amor que Jesus sentia por essa pequena família, com a qual ele deve ter se sentido tão à vontade”.¹²⁵ Esse sentimento de amor demonstrado por Jesus ilumina a sua humanidade, realmente coabitando com o ser humano em todas as suas dimensões. O amor de Jesus a esta família ajuda-a a harmonizá-la e a superar possíveis preconceitos por ser uma família diferente das demais. A família de Betânia fazia a vontade de Deus a partir do acolhimento, da dedicação que dava a Jesus, e certamente a outras pessoas, mas também a partir do afeto que viviam entre eles.

Pode-se afirmar que o relacionamento dos irmãos de Betânia com Jesus serve de modelo de como pode ser a compreensão da família em relação aos ensinamentos de Jesus. Assimilam a proposta em relação ao amor e a vida colocada por Jesus como chave que abre novas portas e que apontam novos caminhos para eles. Ao ficar sabendo da morte de Lázaro, Jesus ainda permanece mais dois dias aonde se encontrava. A aparente demora em chegar a Betânia para consolar as amigas, aponta para a necessidade da reflexão sobre os fatos que ocorriam na vida daquela família. Este distanciamento possibilita às duas irmãs assumirem atitudes novas que qualificam o seu processo de autonomia enquanto mulheres. Diante da morte do irmão, a família continuaria família reconhecida por Jesus, mesmo sem a presença de um homem. Esta ideia é reafirmada na união que Maria faz em Jesus, tornando-a assim, plenamente liberta das amarras da lei e da exclusão que sofriam as mulheres. Segundo Adela Ramos, nas passagens sobre os últimos acontecimentos em Jerusalém, afirma-se que:

¹²⁵ BERGANT, Dianne C; KARRIS, Robert J. Ofm (orgs). *Comentário bíblico: introdução ao pentateuco e profetas anteriores*. V. 3. São Paulo: Loyola, 1999, p. 124.

O silêncio dos evangelhos sublinha a ausência do grupo de varões. Em contraste, a continuidade do relato do sepultamento do corpo de Jesus (Lc 23,50-56) até a manhã do domingo da ressurreição (Lc 24,1-12) faz do grupo das mulheres discípulas as testemunhas oculares da crucifixão de Jesus e de seu sepultamento.¹²⁶

A aproximação de Jesus com as mulheres incomodava as autoridades e algumas vezes, causava espanto até entre elas: “Como sendo tu Judeu pede de beber a mim que sou mulher samaritana” (Jo 4,9)?

A aproximação de mulheres e também de homens, com Jesus, mostra o caráter de afirmação da sua messianidade. Para Adela Ramos, “estas mulheres não só ajudaram financeiramente ao movimento de Jesus, mas também figuraram entre as mulheres e homens a quem Jesus confirma pessoalmente a sua vocação de Messias”.¹²⁷ O diálogo com Marta, em decorrência da morte de Lazaro, mostra Jesus dizendo quem ele é, e Marta o reconhece como o Cristo, Filho de Deus que deveria vir ao mundo.

O conteúdo do diálogo que tem com Marta se torna ensino para aquele momento crucial de sua existência. Ele ensinava em todos os lugares, incluindo as famílias. Ensinou na casa de Zaqueu, que como prova da aceitação se compromete devolver tudo o que roubou em quatro vezes mais; na casa de Mateus, o cobrador de impostos; e, sobretudo, na casa de Betânia. Pode-se crer que a casa de Betânia era para Jesus, mais do que lugar de descanso e acolhimento, era também uma casa onde se ensinava e partilhava os elementos fundamentais da vida. Através dos gestos e das palavras a lição ia sendo passada. Marta é totalmente dedicada a Jesus, e “com delicadeza o reprova para que diga a sua irmã que deixe de escutá-lo e vá trabalhar com ela”.¹²⁸ Está presente na nova visão de família de Jesus a superação dos equívocos, como o que Marta expressara, para que a família se torne consciente do seu chamado e da sua missão.

Jesus não desvaloriza a capacidade de servir e de querer ter o controle das coisas, presente em Marta. Chama a atenção para que quando isso for de forma desproporcional pode sufocar a vida e o amor que são as referências do existir. Para José Cárdenas, “Jesus está dizendo a Marta que seu serviço é tão valioso quanto é

¹²⁶ RAMOS, Adela. O Evangelho de Lucas. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* Petrópolis: Vozes, v.1, n.44, p. 88, 2003.

¹²⁷ RAMOS, n.44, p. 89, 2003.

¹²⁸ PALLARES, José Cárdenas. *Ternura de Deus ternura da mulher: A mulher no Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1995, p.74.

questionável a sua preocupação. O que Ele procura não são servidores ou anfitriões, mas discípulos”.¹²⁹ A família de Betânia caminha para o processo de adquirir, com a presença de Jesus em sua casa, a capacidade de saber ouvir. Ouvir, prioritariamente o que o Senhor tem para lhe ensinar, e conseqüentemente o que cada um tem para dizer. Angústias e aflições também faziam parte daquela família, e o saber ouvir serviria de remédio para isso.¹³⁰ Neste sentido, a família que se abre para uma realidade espiritual desenvolve a harmonização em meio às atividades necessárias para o seu existir.

Parece-nos razoável afirmar que a família de Betânia estava aberta a adquirir com Jesus uma atitude contemplativa, visto como um valor, uma qualidade espiritual a ser incorporada na sua vivência. “Escolher a melhor parte” naquele contexto era incorporar algo essencial para a vida da família: uma experiência de fé significativa. A experiência de fé naquele tempo era algo que acontecia aos que depositavam as últimas forças para conseguirem a libertação de algum sofrimento, como são os relatos dos milagres. Jesus quer trazer para dentro da família essa força, e os irmãos de Betânia são os exemplos dessa proposta. Foi descrito no primeiro capítulo deste trabalho que a sociedade pós-moderna mergulhou num estilo de ser fundamentada na rapidez das transformações, não observando elementos como contemplação e meditação, que ajudam a orientar o ser espiritual. Karin Wondracek afirma que “passados dois mil anos, a atitude contemplativa ainda é um desafio para nossa mente racional. Parece que nos esquecemos da arte de sentar e ouvir”.¹³¹

Esta atitude contemplativa presente no modo de ser de Maria é para a realidade moderna da família um desafio, e ao mesmo tempo, uma possibilidade que aponta à superação de uma situação de oposição, presente muitas vezes, entre irmãos ou como demonstração da crescente oposição social atual, provocada por visões diferentes de mundo. Em tempos de efervescências ideológicas e fundamentalismo crescente, as diferenças de ideias provocam ódios, rejeições e falta de acolhida. Sobre isso, Mazzarolo descreve: “Ainda que a posição de ódio não seja explícita no contexto de Marta e Maria, podemos entrever um tipo de comportamento que assume uma forma crescente. Da não acolhida vai-se para a má acolhida e até a rejeição”.¹³²

¹²⁹ PALLARES, 1995, p.74.

¹³⁰ PALLARES, 1995, p.75.

¹³¹ WONDRAECK, Karin H. K. *Caminhos da Graça: Identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia*. Viçosa – MG: Ultimato, 2006, p.144.

¹³² MAZZAROLO, 2005, p. 65.

A realidade de Marta e Maria, mais do que representação de duas personagens, aponta para um estilo de vida que não seja polarizado. A presença de Jesus ali é uma presença de equilíbrio que irá ajudar a superar as divergências de ideias e de atitudes. No seio da convivência humana pode-se estabelecer um relacionamento em que diferenças não provoquem inimizades e intolerâncias, e que não sejam vistas como deficiências, mas como complemento que ajudam a trazer o equilíbrio, a partir da compreensão do outro.

A atitude de Maria é um sinal de contraponto naquela casa e medeia a ação e a contemplação. A atitude de Marta também pode ser um contraponto há algumas devoções modernas que descambam no fanatismo e no processo de alienação religiosa. Nosso mundo atual é marcado por lutas e interesses pessoais, que não deixam de fomentar oposições. A vida moderna se tornou uma grande competição, onde um vizinho ou até mesmo alguém da própria família é um concorrente em busca de colocação no mercado de trabalho, mergulhando a vida na secura de resultados. No tempo de Jesus o que limitava o crescimento espiritual era a secura da lei. Na visão de Karin aprendem-se textos sagrados por intenções prévias, como meios para obter determinados fins.¹³³ O ser humano moderno quase não é capaz de buscar a fé de forma gratuita. A dimensão da troca com Deus é o que move a oração de muitos, hoje. Em certos casos o que se busca com a fé não é uma compreensão e experiência a partir da entrega, e sim a satisfação por alguns ganhos secundários, ignorando até mesmo a presença de Jesus.¹³⁴

A família de Betânia nos remete para uma questão fundamental, que é conciliar os afazeres, também necessários, e a devoção espiritual. Olhando por este ângulo percebemos que Marta tinha a missão de hospedar Jesus. É natural que todos os que hospedam alguém procurem fazer o melhor possível. Marta, nos seus afazeres diários incorpora o espírito materno ao cuidar dos seus irmãos¹³⁵. A preocupação em organizar a casa e a vida dos irmãos, era a sua rotina. A visita de Jesus, segundo Karin, acontece de maneira inesperada e se assemelha a visita dos anjos a Abraão,¹³⁶ deixando-o inquieto e sem saber o que fazer. Acrescenta Karin

¹³³ WONDRAČEK, 2006, p.144.

¹³⁴ WONDRAČEK, 2006. p.145..

¹³⁵ WONDRAČEK, 2006, p.145.

¹³⁶ WONDRAČEK, 2006, p.145.

Sua inquietação não faz mais do que incrementar a sua entrega. Para Marta, amar é alimentar o amado. Essa atitude é tipicamente feminina: desde o seio materno recebemos e damos comida como sinal de amor.¹³⁷

A forma de Marta expressar o seu amor por Jesus era servindo. A visita do mestre deixa Marta em crise diante do que pensava ser o melhor, cuidar do bem-estar de todos, em relação aquilo que Jesus lhe propõe como melhor, a adoração. Não se pode afirmar que Jesus desqualifica o trabalho de Marta. O que ele propõe é um ajustamento na ordem das prioridades. O discernimento sobre o que era o melhor é que faltava à Marta. Na sua visão, a princípio, o melhor era que Maria a ajudasse nos trabalhos da casa. O próprio Jesus defende e exalta a importância do serviço como sinal de grandeza. A família que não valorizasse o encontro com Deus, lhe faltaria algo prioritário. Duas medidas essenciais para a integração e a harmonização da vida se verificavam ali: o desejo de ouvir a voz do messias, e o cuidado para com os demais, representado por Marta.

Mas, estas duas necessidades vitais presentes numa casa não tem o mesmo peso e não levam à mesma finalidade. Segundo Karin, “Jesus queria que Marta orientasse seu desejo para ele e afinasse a sua vontade com a dele, sem se importar com o que os outros fizessem ou deixassem de fazer”¹³⁸. Sobre as preocupações em excesso, Jesus já havia ensinado quando disse que “não andeis preocupados com o que haveis de comer e de vestir”, indicando que isto não produz uma espiritualidade saudável, mas mergulha a pessoa numa esfera de inquietação e insegurança, desembocando no ativismo e na competição, espírito do mundo atual.

Neste sentido, Maria tinha ultrapassado as barreiras do espírito humano e alcançado uma profundidade na sua devoção, algo que não lhe seria tirado.¹³⁹ Jesus quer fazer da família de Betânia uma família de “adoradores em espírito e em verdade”. Hoje, a verdade do mundo está nas coisas e na capacidade de inventar novas coisas. Isto não traduz plenamente a razão da existência. O ensinamento que Jesus dá à Maria mostra a profundidade do existir humano. O estar aos pés de Jesus é estar junto do autor da vida para melhor vivê-la. Compreendendo esta razão do existir como base primordial, da qual emana a vida, pode-se viver a sentença de que “tudo o mais vos será acrescentado”.

¹³⁷ WONDRACEK, 2006, p.145.

¹³⁸ WONDRACEK, 2006, p.147.

¹³⁹ In: WONDRACEK, Karin H. K. Apud. Leloup, Jean-Yves. *Caminhos da Graça: Identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia*. Viçosa – MG: Ultimato, 2006. p.147.

A presença de Jesus na família de Betânia não é para opor Marta à Maria e nem exaltar uma e humilhar a outra. É sim para mostrar que uma vida familiar pode viver a profundidade do amor a partir de cada um. Karin descreve um belíssimo pensamento de Jean-Yves Leloup, que afirma:

Jesus acrescenta: “uma só coisa é necessário”. A única coisa necessária e que tu faças o que tens de fazer com amor, com um olhar simples, não dual nem dividido, porque então terás escolhido a melhor parte, terás escolhido permanecer no melhor de ti mesma. Tu amas: isso é suficiente e não lhe será tirado. Não deveríamos opor Marta e Maria, ação e contemplação, como alguns sugeriram como consequência. Marta e Maria continuam irmãs, são duas faces de um mesmo semblante, dois olhos de um mesmo olhar. A única coisa necessária, seja a ação, seja a contemplação, é amar e não comparar. Em certas ocasiões, o amor nos estimula a agir, a preparar as refeições, a visitar os doentes; em outros momentos, ele nos convida a permanecer imóveis, a repousar, a escutar a fala ou o silêncio daquele que é o Eu Sou, no interior e no exterior.¹⁴⁰

Uma das propostas da espiritualidade nos dias atuais é desenvolver uma experiência holística, onde as dualidades e as aparentes contradições sejam ultrapassadas para que se alcance uma existência integral, sem as divisões impostas pela cultura. Neste sentido, o amor é a grande referência para mergulhar num existir integrador.

As linguagens do amor são diversas e nem sempre são compreendidas. Elas se manifestam através da assimilação interior que leva a sentir-se bem com o que está fazendo e quando este “fazer” é entendido, como dom, como qualidade. As tarefas do cotidiano podem ser também fontes de espiritualidade. É isso que fica claro em outra visita que Jesus faz aos irmãos de Betânia, em que o texto diz: “Marta servia”. Karin afirma que esta expressão mostra que Marta havia aprendido a viver para uma coisa só e que estava em paz, com a sua forma de ser.¹⁴¹ Ela descobre que no silêncio de suas atividades domésticas poderia restabelecer a comunicação com o amigo Jesus, confirmada no momento de sua profissão de fé, quando afirma a Jesus que tem crido que Ele é o Cristo, Filho de Deus que devia vir ao mundo (Jo 11,27).

A presença de Jesus na família de Betânia abre novas portas para a comunicação e a integração entre eles. O texto de Lucas não menciona Lázaro na visita à casa deles. João, narrando a unção em Betânia afirma que esse evento aconteceu em Betânia, com a presença de Lázaro. Os textos de João reintegram Lázaro à família como sinal de que esta família possui uma nova identidade: estão relacionados aos poderes de Jesus, mudando, assim, seus pontos de referências e

¹⁴⁰ WONDRACEK, 2006, p.147.

¹⁴¹ WONDRACEK, 2006. p.148.

relações familiares.¹⁴² A maneira como Jesus se comunicava com eles não expressa nenhum tipo de sentimento que não fosse construtivo. A raiva e a dureza de coração não faziam parte da espiritualidade de Jesus e é por isso que ele promovia a harmonia, a reconciliação e a paz. Ele os acolhia com os “olhos cheios de compaixão e o coração repleto de ternura”.¹⁴³

As atitudes de Maria em relação a Jesus mostram uma profunda sensibilidade espiritual que nasce das suas entranhas. Por duas vezes, em Lucas (10,39) e João (Jo 11,32), Maria lança-se aos pés de Jesus. O choro de Maria pela morte do irmão provoca comoção em Jesus que “vendo-a chorar” também chorou, demonstrando que a relação existente entre eles era de amor. Era amor como atividade criadora, que implicava cuidado, conhecimento, afirmação,¹⁴⁴ destituído de qualquer outra recompensa, na busca de um relacionamento com aquele que é capaz de renovar e ressuscitar a vida.

A relação de Jesus com os irmãos de Betânia faz parte do dinamismo que fundamenta a sua presença entre os humanos. É o dinamismo da passagem da morte para a vida, na ressurreição de Lázaro e da preparação para novas revelações, na unção que Maria faz a Jesus. A vida daquela família é expressão e modelo dos que se unem às propostas de Jesus e que acolhem e vivenciam a união provocada por ele. O estar de Jesus no seio dessa família é transformador. Ele chega para transformar e dar nova configuração que tem como base o seu ensinamento e a sua abertura para ser tocado, estabelecendo uma relação de profundidade e de confiança. O modelo de família que Jesus nos apresenta não tem por base o tradicionalmente estabelecido, e sim a confirmação da sua expressão: “minha família é aquela que faz a vontade de Deus”. Este é o novo alicerce para a família, que nos tempos atuais pode ser melhor entendido em decorrência das mudanças que vem acontecendo. O valor afetivo é mais significativo que o valor estrutural para a realidade da família, hoje.

¹⁴² WONDRACEK, 2006, p.148.

¹⁴³ HANH, Thich Nhat. *Aprendendo a lidar com a raiva: sabedoria para a paz interior*. Rio de Janeiro: Sextante, 4. ed. 2003. p.44.

¹⁴⁴ FROM, Erich. *Ter ou ser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4. ed. 1980, p.60.

4 NOVOS PARADIGMAS PARA A EXISTÊNCIA DA FAMÍLIA

O paradigma atual da sociedade contemporânea está em crise. E, essa crise, se instala nas fronteiras entre o que era e o que desponta, e a insegurança e a incerteza estão presentes nesse contexto. Venho analisando a família nos contextos sociais contemporâneos e, percebe-se, que os grupos sociais, onde presentes neles estão as famílias, não inventam novas formas de comportamento e modo de ser. Apenas seguem o espírito da sociedade técnica e do consumo que anda à frente abrindo caminhos ainda não traçados e não conhecidos pelos membros desses grupos.

A incorporação desses novos comportamentos é que são feitos pelas famílias e pelas culturas que são abertas à experiência das novidades que a técnica atual coloca como necessidade, moldando os desejos atuais. O grande desafio para que surja um novo modelo de vida entre as pessoas, na família e na sociedade, está na busca de nova compreensão dos alicerces da própria vida. O sistema de educação atual é o reforço do paradigma maior que defende a compreensão de vida e de estar no mundo baseado no mercado e no consumo, ao preparar competidores para a sociedade e não cooperadores que defendam a solidária nas relações.

Mas, sabe-se também que uma comunidade alternativa não nasce das estruturas dominantes que influenciam as massas, não nasce da visão dominante de mundo e nem da assimilação de uma vida totalmente privada. As possibilidades vão sendo gestadas pela aquisição de nova consciência sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre os valores que se cultivam a partir do visualizar um novo rumo.

4.1 Modelos alternativos para a existência da família

O que se pode compreender por modelo alternativo nasce da análise do modelo vigente, ao passo que se chega à conclusão de que o modelo presente não corresponde mais aos anseios e ao mínimo de dignidade para a maioria da população. Diante da impossibilidade da manutenção do ritmo de desenvolvimento atual, e da diminuição dos bens e recursos naturais, cada vez mais cresce a sobra dos que viverão fora do mercado. Hoje, grande parte da população vive de forma periférica à economia oficial. São milhares de famílias vivendo na completa instabilidade econômica. A realidade da precarização do trabalho ou da crescente diminuição do trabalho formal está levando muitas famílias a viverem a partir de arranjos provisórios na dimensão do sustento material.

A partir daí surgem algumas possibilidades alternativas para a vida das famílias nessas condições. Pode-se enumerar como uma primeira alternativa, a solidariedade, prática que já ocorre quando um pai ou uma mãe socorre, com sua aposentadoria, a família do filho que não tem emprego. Ligado à solidariedade deve surgir a necessidade de uma nova compreensão de cuidado que dignifique a pessoa e que sua importância não esteja atrelada na capacidade de conquistar recursos econômicos, somente. O cuidado, neste contexto, não está restrito a quem passa por uma situação especial, de nascimento, doença ou de velhice, mas se mostra como uma necessidade constante, motivada por carências econômicas. A sensibilidade comunitária seria outra forma alternativa de viver, numa dimensão ampliada de relacionamentos entre famílias, a partir da cooperação no aspecto laboral, associando a essa convivência as experiências nascida da vida de cada um e na construção de uma espiritualidade enraizada que desperte uma consciência de grupo alternativo.

4.1.1 Os alicerces da Solidariedade e da cooperação

Coloca-se como desafio para a vida da família, especialmente as que possuem menor segurança econômica e social, a criação de comunidades que sejam pautadas pelo princípio da solidariedade. Para os que vivem a fé, cristã ou não, se faz necessário criar comunidades que sejam vinculadas pelo compromisso de solidariedade e transformação.¹⁴⁵ Comunidades que resistam as seduções do mercado e do processo de desumanização que este promove. A solidariedade seria uma base de vida econômica, relacional, social, religiosa, etc.. Esta realidade dá suporte à experiência do desapego ao individualismo, do compromisso com o coletivo e do cuidado compartilhado para com todas as famílias da comunidade.

A vida humana cresce e frutifica com mais vigor quando se descobre o valor da cooperação, e a partir dela se vive. Em tempos de superficialidade, o que pode garantir uma existência com significado para a família e o ser humano é o senso de aproximação. Parece-nos que o mercado estabeleceu uma máxima a ser seguida atualmente: viveremos no mercado e para o mercado ou morreremos. Muitos já morreram e muitos outros irão morrer, mas o despertar de uma resistência, já está surgindo de onde poucos esperam: da vida solidária dos necessitados. Uma das

¹⁴⁵ ROSA, Ronaldo Sathler. In: SANTOS, Hugo N. (editor) *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: Aste; São Leopoldo: Cetela, 2008, p.66.

motivações para este novo vislumbre está presente nas experiências solidárias das primeiras comunidades cristãs. O exemplo de atos dos apóstolos nos serve de inspiração. Viviam uma vida conforme a vontade de Deus e conforme a dignidade humana, ao relatarem que “nenhum necessitado havia entre eles” (Atos 4,34).

O estilo de vida embasado no consumo e na imediatez do mundo atual não proporciona desenvolvimento integral da pessoa. Esse desenvolvimento integral se dá através da convivência com as outras pessoas e de uma vida em comum.¹⁴⁶ A solidariedade comunitária pode oferecer o suporte necessário às pessoas e famílias que vivem a desolação e o sofrimento de não verem no horizonte de suas vidas, perspectivas favoráveis; pessoas que vivem vazio existencial, causado por promessas não realizadas, e que não conseguem ter mais a força para reerguer os alicerces de sustentação da própria vida. Sobretudo, as comunidades de fé podem transformarem-se em comunidades acolhedoras e sinais de resistências ao mundo do vazio, característica atual.

Um bom exemplo de solidariedade acontece na vida feminina. Muitas mulheres excluídas do mercado sustentam a vida de suas famílias fazendo aquilo que as “damas dos shoppings”, símbolo do consumo, jamais imaginariam. As quebradoras de coco do nordeste, que se reúnem em cooperativas, desenvolvem uma verdadeira irmandade familiar através do trabalho em conjunto. A consciência de solidariedade faz parte do grito de indignação ética que suscita da alma das pessoas com sensibilidade profunda. Esse grito, muitas vezes, quase que silencioso, surge da situação de pobreza de muitas mulheres, que reivindicam um espaço neste mundo criado por Deus. Gladys Parentelli descreve:

As mulheres podem não ter um lugar de honra na sociedade patriarcal, mas são elas ainda que sabem da melhor maneira de cuidar da vida e da terra. Elas decidem o que é melhor para elas mesmas, para seus filhos, para seus familiares – incluindo seus maridos, que podem até mesmo tê-las abandonado – para seus vizinhos e sua comunidade.¹⁴⁷

Pode-se afirmar que por meio da solidariedade feminina é possível que os homens também cresçam e assumam essa perspectiva.

No novo testamento a vida comunitária formada por mulheres é bem expressiva e está presente em todas as áreas da vida, segundo Luise Schottroff: No trabalho (Mt

¹⁴⁶ ROSA, Ronaldo Sathler. In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p.66.

¹⁴⁷ RUETHER, Rosemary Radford (org.). *Mulheres curando a terra*. São Paulo: Paulinas, 2000, p.58.

24,41), na relação solidária entre vizinhas ao se reunirem e comemorarem por ter encontrado a dracma perdida (Lc 15,9), mostrando que a vida entre elas era de proximidade e de cooperação¹⁴⁸. A experiência de vida que essas mulheres tinham com Jesus ajuda a moldar a sua prática solidária. Assim, afirma Luise Shocttroff:

Devemos supor que a vida familiar numa família patriarcal acontecia, em grande medida, na companhia de mulheres. Ao entrar na vida de discipulado, respectivamente na vida de comunidades que reverenciavam Jesus como Messias, essas comunidades de mulheres continuaram e foram moldadas também solidariamente, conforme a tradição de comunidades de judias.¹⁴⁹

A volta a um estilo de vida que tem por base princípios de fé e de sensibilidade humana se torna uma necessidade. Aquilo que foi a família de Betânia, em termos de espaço geográfico e afetivo nos aponta para uma possibilidade simples de vida alternativa. Era uma casa aberta não somente a Jesus, mas também a seus discípulos que ali se reuniam, pensavam, viviam e estabeleciam os alicerces para a construção do Reino. Aquela casa era um lugar da superação das tradições da época, necessária para inaugurar o estilo de vida alternativo, a partir do anúncio de Jesus e dos discípulos. Para que seja possível a forma alternativa deve-se cultivar um novo espírito que tem como missão superar a força das tradições atuais e mergulhar na experiência que alimentavam as culturas Bíblicas do novo testamento (já mencionadas) e as pré-coloniais, existente antes das invasões europeias, e as que ainda existem até hoje, como forma de resistências.

A era da mudança de comportamento e do início da degradação ambiental e da opressão humana é marcada pela eliminação das formas de vida ancestrais que povos de todos os cantos do mundo viviam. A visão da vida comunitária sustentada nos mitos, nos rituais e nas expressões culturais evidenciava a forma holística de estar no mundo, onde as mulheres possuíam notáveis expressões de lideranças na comunidade. Esse tipo de vida foi sendo destruídas pela implantação da prática capitalista. Tumani Mutasa Nyajeka destaca que na época da invasão inglesa, onde hoje se situa o Zimbábue, ali habitavam dois povos, Shona e os Ndebele, que “partilhavam uma visão de mundo em comum, centrado em torno do culto *Mwari*, em Matopos”¹⁵⁰ em que as mulheres participavam ativamente em decisões políticas e

¹⁴⁸ SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista: Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal/Est; Cebi; São Paulo: Aste, 2008, p. 166.

¹⁴⁹ SCHOTTROFF; SCHROER; WACKER, 2008, p.166.

¹⁵⁰ RUETHER, 2000, p.214.

cerimoniais que mantinham a integração entre os membros da família, da comunidade e do clã.¹⁵¹

O que mantinha o estilo de vida dessas comunidades e dessas famílias originárias era o espírito de cooperação e partilha que se fazia inevitável. A luta pela sobrevivência conservava nos membros da comunidade e do clã, o espírito do engajamento pela vida e pelo cuidado de todos. A compreensão de vida não era individualizada, era totalmente coletiva. O que mantém a possibilidade da existência é uma ideia, um espírito que se assume como guia e luz. Nos tempos atuais o espírito que se coloca como guia e que é assumido pela maioria da sociedade e conseqüentemente das famílias, é o espírito do mercado, distribuído em promessas de bem-estar e consumo individual. Nas comunidades contraculturais do cristianismo nascente, o espírito que vai sendo incorporado é o espírito do amor que assume a linguagem do Espírito Santo e que mostra quais são os alicerces daquela vida comum. Nessas comunidades são assimilados um novo mandamento, no sentido de superação dos mandamentos legais. Assim, “acreditar no amor era viver na dimensão de uma nova realidade construtiva, que era capaz de restabelecer a luz entre os irmãos”.¹⁵²

Partindo do exposto acima, a dinâmica do amor - como espírito que orienta - não permite a presença das trevas na vida da família e da comunidade. “O amor na nova família é diferente do amor mundano,”¹⁵³ por ser ele o elemento fundante da forma de viver. Pode-se caracterizar atualmente como amor mundano, para usar a linguagem de João em suas cartas, o sentido da orientação das forças vitais inclinadas para os interesses egoísticos, para a busca do consumo, para ânsia do poder, do acúmulo e da vida individual. As famílias que respiram essa atmosfera ainda não estão dentro do processo de conversão para uma vida com responsabilidade solidária.

Conversão era subentendida nos ensinamentos de Jesus, em relação as famílias que abriam mão da exclusividade religiosa, consanguínea e social. Embora a família judaica tivesse como característica uma forte solidariedade, Jesus vê a necessidade de abrir mais essa prática para aqueles que não são do mesmo ciclo vivencial. Quando fala que sua “família são aqueles que fazem a vontade de Deus”,

¹⁵¹ RUETHER, 2000, p.214.

¹⁵² MAZZAROLO, 2005, p. 92.

¹⁵³ SCHLAEPFER, Carlos Frederico. In: *Estudos Bíblicos 85. A família na Bíblia*. Petrópolis, 2005, p. 74.

vai além de uma questão consanguínea. Neste contexto, os laços familiares e “vínculos de raça e nação não são decisivos”.¹⁵⁴ Estar unido a Ele é viver os mesmos princípios e defender os mesmos ideais. Propõe que a visão étnica ultrapasse o etnocentrismo judaico e mergulhe nesta “nova família e nesta nova comunidade”, os samaritanos, os estrangeiros, os de classes social e econômica diferentes. Em outras palavras, os de fora, tendo como motivação para a vida o mesmo espírito que vem de Deus. O teocentrismo de Jesus não é exclusivista e segregatório, como o dos judeus, mas dele emana os princípios fundamentais da existência humana e da criação: o amor, a solidariedade, o perdão; a prática do cuidado e da paz.

Para Carlos Frederico Schlaepfer, a experiência de solidariedade e de compromisso manifestada ao nível da fé pode ser experimentada por “qualquer organização, entidade ou instituição que coloque valores e afinidades comunitárias.”¹⁵⁵ O futuro de muitas famílias - que compõem “o resto do mercado” - na era do pós-emprego, encontrará refúgio, esperança e inclusão pelas instituições que desenvolvam práticas solidárias.

Jesus e as primeiras comunidades cristãs desenvolveram aquilo que Assmann e Mo Sung chamam de “sensibilidade solidária”.¹⁵⁶ Um desses exemplos foi a solidariedade, ensino e convivência, vivido com a família de Betânia e com outras pessoas. Esta seria “uma forma de conhecer o mundo que nasce do encontro e do reconhecimento da dignidade humana dos que estão dentro e fora do atual sistema social.”¹⁵⁷ A ideia de sensibilidade solidária não é uma simples utopia, mas micros experiências que estão ao alcance de todos e podem ser multiplicadas no seio das comunidades. “São experiências de uma nova forma de relacionamento e cuidado familiar, comunitário e ambiental, a partir de princípios vitais como afetividade, fraternidade, compaixão e cooperação”.¹⁵⁸

Concentrar-se nesses valores em tempos de relativização de valores é desafio urgente. A crise do modelo burguês de família leva para o crescente subjetivismo dos indivíduos. Esta nova cara pós-moderna de ser coloca a sociedade numa situação de berlinda, enquanto se “experimenta a decomposição e a despersonalização da

¹⁵⁴ SCHLAEPFER, 2005, p.74.

¹⁵⁵ SCHLAEPFER, 2005, p.78.

¹⁵⁶ ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 134.

¹⁵⁷ ASSMANN; MO SUNG, 2003, p. 134.

¹⁵⁸ ASSMANN; MO SUNG, 2003, p. 135.

convivência familiar”.¹⁵⁹ . Diante dessa visão sobre a estrutura da família atual, o desafio de comunidades com sensibilidades solidárias se torna maior, quando dentro do lar são geradas as desconfianças, a falta de cuidado, a mentira, a opressão e muitas formas de violação da dignidade humana. Novos padrões de vidas referenciadas pela honestidade e a cooperação não são valores assumidos pelo “espírito” da sociedade, que incentiva a disputa e a competição.

A família é desafiada a se reestruturar diante daquilo que vive a sociedade hoje. Há de ser essa reestruturação uma alternativa de sobrevivência diante do cenário de instabilidade e insegurança. Sempre a família foi entendida como ponto de referência da vida humana, e mais do que isso, para Esteban Cortés,

a família é chamada a funcionar como refúgio frente às exigentes tarefas e procedimentos que o mercado gera. São muitas as tarefas que precisam ser assumidas para alcançar e manter determinado nível de vida e para sobrepor-se à rede de cumplicidade delinquente que existe em amplas zonas urbanas¹⁶⁰

Ao afirmar que a família seria um refúgio evoca-se que ela é um lugar de acolhimento e de amparo. Lugar onde há proteção em relação a certos perigos que a ameaçam. Será que muitas realidades familiares, hoje, representam esse suporte? Jesus sentia e via na família de Betânia esse lugar. Diante das ameaças que sofria na sua missão, aquela casa era um lugar de refúgio, porque tinha a certeza que naquele espaço se vivia a experiência do cuidado mútuo. Ele cuidava, ensinava e também era cuidado.

A proposta de solidariedade e de cooperação como outra forma de viver, impulsiona a família, a comunidade de fé ou outro tipo de comunidade, fundada nesses princípios, a serem espaços de apoio emocional entre as pessoas.¹⁶¹ Essa possibilidade requer um processo de conscientização para que se tenha uma nova leitura da realidade. Os vínculos afetivos e de mútua responsabilidade podem sobreporem-se às estruturas da competição e do individualismo que impõe o sistema. A prática de Jesus mostra muito bem esse processo. Diante da necessidade de alimento que carecia a multidão, no evento da multiplicação dos pães, o “espírito” era o do individualismo, expresso no pedido dos discípulos: “Despede as multidões para que indo pelas aldeias comprem para si o que comer” (Mt 14,15). É preciso, hoje, para

¹⁵⁹ SOLÍS, Esteban Cortés. In: SANTOS, Hugo N. (editor) Dimensões do Cuidado e Aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: Aste; São Leopoldo: Cetela, 2008, p.47.

¹⁶⁰ SOLÍS, In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p. 48.

¹⁶¹ SOLÍS, In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p. 48.

a família e para o ser individual, outra visão como solução dos problemas que se enfrentam. A visão dos discípulos mostra uma solução individual para um problema coletivo, a falta de alimentos.

A atitude de Jesus, “dai vós mesmo de comer”, mostra que todos deviam enfrentar o problema e descobrir uma forma alternativa como solução. Aí começa a surgir o valor da solidariedade, partilhando o que se tinham: peixe e pão, e saciando a todos com fartura. Este exemplo nos diz que não existe somente o mercado como caminho para a sobrevivência dos seres humanos, mas nos faz perceber que as possibilidades estão também na capacidade e na criatividade presente nas pessoas e nas famílias. Basta não ficar refém do consumo e sair de si para o encontro de uma vida fundamentada na partilha e na solidariedade.

4.1.2 O alicerce do cuidado

A vida humana precisa ser construída a partir de alicerces que lhe deem sustentação. Outro alicerce fundamental que fará toda a diferença no trajeto do existir é o cuidado. Esse cuidado se revela com muitas faces: o pessoal, o comunitário, o social, o ambiental e o espiritual. O primeiro espaço de cuidado que conhecemos é a família. Esse é o lugar por excelência que poderá demarcar o destino, o comportamento e a compreensão da própria vida. Uma questão relevante em relação ao cuidado é a dimensão do cuidado na família. Diante dos atropelos deste tempo, corre-se o risco de cuidar-se mais e melhor dos símbolos que alimentam perspectivas diárias na dinâmica atual, do que as pessoas concretas que vivem sob o mesmo teto. Hoje, ninguém se descuida em manter o celular sempre com a bateria carregada, porque alguém pode mandar uma mensagem, enquanto se descuida em reservar tempo para cuidar da família através do diálogo que manifeste uma atenção real e afetiva.

A dimensão do cuidado é essencial para a vida. Não somente os humanos cuidam para que sua espécie se multiplique e continue. Os animais também buscam instintivamente o cuidado para que possam continuar existindo. Em outras palavras, podemos afirmar que o cuidado é a possibilidade para que a existência possa ser melhor. Leonardo Boff afirma que o cuidado existe mesmo antes da criação da própria existência humana, segundo as fábulas que narram a sua origem.¹⁶² Para Boff, a

¹⁶² BOFF, Leonardo. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Versus Editora, 2003, p. 28.

fábula de Higino que diz que o “cuidado passando nas margens do rio, tomou um pedaço de barro e moldou-o na forma de ser humano” e somente depois Júpiter infunde seu espírito, mostra que o cuidado é anterior ao corpo-espírito, e é o primeiro a moldar o ser humano.¹⁶³ O humano é nesta visão, fruto do cuidado e por isso visto como o ser do ser humano. Essa ontologia do cuidado descrita por Boff pode ser verificada, bem ou mal, na vida familiar. O “cuidado acompanhará o ser humano por todo o tempo em que ele existir”.¹⁶⁴

O cuidado é uma das apostas alternativas para que a vida humana continue existindo de forma humana. A robotização da vida coloca em perigo essa dimensão e provoca a desumanização no berço da vida que é a família. As carências de uma vida digna e os excessos de tecnologias geram o que Rollo May, citado por Boff, descreve: “Na atual confusão de episódios racionalistas e técnicos, perdemos de vista o ser humano. Devemos voltar humildemente ao simples cuidado. É o mito do cuidado, e somente ele que nos faz resistir ao cinismo e à apatia, doenças psicológicas de nosso tempo”.¹⁶⁵ Em tempos de experiências humanas mal fadadas precisa-se encontrar o cuidado de braços abertos para ser o consolo, a reorientação e a compaixão.

As famílias precisam crescer na consciência de que são interdependentes e abrirem espaços para os relatos de sentimentos e experiências que permeiam a vida de cada um. Para isso se faz necessário a colaboração de muitos líderes comunitários, como psicólogos, sacerdotes, educadores etc., que ajudem a mostrar que os problemas que existem em uma família são parte de um sistema mais amplo imposto pela sociedade vigente. Ajudar a pensar outras formas de existência e a buscar novos significados para a vida, além dos que estão gravados em sua visão e compreensão de mundo.

Em suas reflexões sobre o paradigma atual, Boff destaca o cuidado e a sustentabilidade¹⁶⁶ como pilares de um novo paradigma. A insegurança em relação à sustentabilidade planetária é refletida também em relação à sustentabilidade das famílias. As perspectivas de sustento material para as famílias mais empobrecidas são cada vez menos animadoras. O crescente desemprego e a informalização da

¹⁶³ BOFF, 2003, p. 29.

¹⁶⁴ BOFF, 2003, p. 29.

¹⁶⁵ BOFF, 2003, p. 29.

¹⁶⁶ BOFF, 2003, p. 28

mão-de-obra dão continuidade ao processo de precarização do trabalho, aumentando a opressão e exploração.

4.1.2.1 A busca de uma nova identidade

No desenvolver das sociedades, especialmente, da moderna, o ser humano continua sempre adaptando a sua identidade de acordo com o que vai surgindo nessa sociedade. O trabalho sempre foi, ao longo de muitos séculos, a referência de identidade humana. Embora no mundo grego, o trabalho fosse visto de forma diferente e reservado aos escravos, nas sociedades posteriores e modernas, sobretudo, ele assume o sentido positivo que passa a ser a fonte de realização dos desejos pessoais. Na compreensão de Hugo N. Santos,

O trabalho oferece um marco estável e previsível para o cotidiano. Ele estrutura os costumes, os ritmos, os hábitos, não somente do trabalhador, mas também, de alguma maneira, de sua família. Mas também fornece uma fonte significativa de vínculos extrafamiliares que enriquecem cada dia, afirmam a pertença social e ampliam os horizontes além do próprio sujeito.¹⁶⁷

Surgem, atualmente, outras preocupações a esse respeito. O que estabelecer como parâmetro identitário humano diante da inacessibilidade daquilo que é essencial para a sobrevivência de muitos? Sem este marco instável e previsível o que restará a milhares de famílias sem o acesso a esta fonte de significados da vida familiar?

Parece-nos que é importante, diante dessa instabilidade, fomentar outra fonte de criação da identidade. A identidade humana pode ser adquirida pelos caminhos do cuidado mútuo em que uma pessoa veja na outra a razão do seu existir e não somente uma possibilidade para as suas buscas. O reflexo dessa nova possibilidade é o aprofundamento do sentido da existência para além de qualquer realidade material e imediata. No pensamento de Boff, a principal tarefa humana é cuidar do ser.¹⁶⁸ O que identifica a família como realidade única, em suas diversas modalidades, é a capacidade que existe de desenvolver a identidade de seus membros a partir do cuidado e da relação de afeto. Na linguagem existencialista de Heidegger, a identidade da família e de seus membros está na progressiva descoberta e movimento em direção do ser, na perspectiva de um encontro com o ser autêntico.

¹⁶⁷ SANTOS, Hugo N. (editor) Dimensões do Cuidado e Aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: Aste; São Leopoldo: Cetela, 2008, p.208.

¹⁶⁸ BOFF, 2013, p, 63.

Os místicos e os defensores de grandes causas encontraram sua identidade, sua razão de ser naquilo que a maioria ignorava, na luta para que a sociedade percebesse que era possível a existência de um outro jeito de viver, sem a exploração do trabalho, sem a falta de compaixão e sem o processo de desumanização. Francisco de Assis encarna o cuidado como meta de sua vida. A sua dimensão de cuidado passa pela humanização e compaixão, ao dizer: “Jesus se fez nosso irmão. Ele tem o calor da nossa pele, ele é capaz de sofrer fome e sede e, quando criancinha, chorou e mamou no peito de sua mãe. Envolveram-no com panos, porque tinha frio e tremia”.¹⁶⁹ Esta é a humanidade de Jesus, e este é o ser do cuidado. O caminho no sentido do ser é um desafio permanente para quem vislumbra esse agir. Um novo projeto de vida para a família e para o humano exige a ruptura com as forças representativas cristalizadas na sociedade e no modo de ser das pessoas.

A proposta de uma forma de ser família que tenha como um dos alicerces o cuidado, encontra dificuldades em se experimentar. Deve-se buscar uma nova prática que aponte para além dos padrões vigentes que, de alguma forma, dizem o que é a vida. A comunhão entre as pessoas aponta para o novo, porque o humano é também um ser de abertura. Segundo Boff, “por ser abertura em totalidade, busca identificar o polo que o plenifica e que lhe permite uma suprema humanização”.¹⁷⁰

Esta humanização carece que cresça o senso e a prática da comunhão que dará o suporte às negativas do mundo atual em relação à falta do trabalho, aos relacionamentos superficializados e a busca de uma vida fruída. Tantas situações adversas promovem vidas angustiadas e inseguras. A angústia sinaliza que está faltando algo, talvez o fundamental, para sentir o equilíbrio, e a sensação de estabilidade. Não obstante a essa realidade, o humano é chamado a se inquietar e a se deixar afetar pelas situações que enfrenta no cotidiano da vida. Para começar uma nova história, a família terá que perceber o que está vivendo.

As forças que geralmente impedem a irrepresentabilidade do ser mais profundo do humano, ou seja, do si, na linguagem de Henry,¹⁷¹ são as que se revestem com

¹⁶⁹ LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do Deserto: De Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

¹⁷⁰ BOFF, 2013, p. 63.

¹⁷¹ Aula do curso de mestrado profissional, da faculdade Est, de São Leopoldo, da disciplina, Fenomenologia e psicologia do sofrimento, com base no texto sofrimento e vida de Michel Henry, no dia 15 de julho de 2017.

maior destaque no nosso existir. Precisa-se justificar muitas coisas para que se pareça ser o que não se é. A vida autêntica acontece a partir das impressões e não das representações. Acolher a instabilidade, a insegurança, a dor e o sofrimento como revelação de vida é algo significativo, no sentido de que precisa deixar-se desnudar pelo que a vida é.

Nossa sociedade ainda não entende essa possibilidade, e quando algo aponta para isso, há uma espécie de julgamento a partir dos preconceitos. Como o mundo da natureza foi matematizado e mecanizado pela ciência moderna, o humano também faz parte desse processo. O humano é, nessa visão, mais uma engrenagem dessa máquina que foi transformada a natureza. A família pode deixar de ser mensurada mecanicamente a partir da produção, do utilitarismo e se mostrar como espaço de resiliência e de compaixão que penetra e se deixa penetrar pela sensibilidade das situações que ela mesma vive e também pelas que outras vivem. É no autoacolhimento e no mútuo acolhimento que se descortinam outras formas de ser.

4.1.2.2 A comunidade de fé como espaço de novas experiências familiares

Um dos desafios da comunidade cristã é pensar e agir a partir dos princípios vitais deixados por Jesus. As doutrinas nem sempre expressam o sentido da vida defendida por Cristo. A comunidade de fé, a cristã, que é o nosso caso, deve se transformar num espaço de novas aprendizagens. As ideias que veiculam ideologias diversas chegam rapidamente na vida da família através das redes sociais. E quase sempre, muitas dessas ideias são recheadas de conteúdos contrários ao que defende o evangelho de Jesus. Conteúdos extremistas, xenofóbicos e sectários que contém fortes visões autoritárias e de apologia à violência, em defesa do que se entende por “verdade”.

Se vive no atual momento da humanidade uma situação caótica que gera medo, perplexidade, incertezas, angústias, exclusão e destruição. Para Sergio U. Castellanos, “as consequências deste fenômeno de exclusão e destruição se manifestam palpavelmente no rompimento das relações sociais e humanas, na desintegração da família, da comunidade do bairro, da sociedade”.¹⁷² Diante de tantas desgraças, encarnadas na corrupção política, na violência, na falta de perspectivas

¹⁷² CASTELLANOS, Sergio Ulloa. In: SANTOS, Hugo N. (editor) *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: Aste; São Leopoldo: Cetela, 2008, p. 101.

de futuro e na desesperança, é que são geradas novas famílias e novas crianças nascem a cada dia sem que seus pais tenham o mínimo de certezas sobre o que vai acontecer. A vida de famílias marcadas pelo descompasso do tempo presente é um mundo incerto.

Ousaria afirmar que seriam para essas realidades que existem as comunidades de fé, sejam cristãs ou não. Essas comunidades deveriam ser a luz, não no fim do túnel, mas no início da vida de muitas famílias que vivem a insegurança total. Seriam essas comunidades visionárias, como fora a de João, no Apocalipse: “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram” (Ap 21,1). As famílias dos pobres esperam um anúncio de libertação. Em sua esperança que nunca morre, vivem o sonho do novo céu para suas vidas, mas quase ninguém os anuncia esse novo em sua existência. Muitas comunidades cristãs anunciam um Deus exigente, o deus do sacrifício, o deus da prosperidade atrelado ao sacrifício de ofertas, o deus do castigo, o deus da cobrança e quase nunca o Deus da compaixão, da graça e da misericórdia.

A comunidade poderia ser o espaço alternativo para que se aprenda o caminho de uma vida alternativa também. Tudo aquilo que é negado no âmbito da sociedade geral, que seja reconstruído e vivido na comunidade, como nascedouro de novo sentido. Que seja reconstruída a humanidade negada pelas leis do mercado, que seja respeitado o corpo violado por tantas situações de violências, que seja resgatado o espírito deformado pelas experiências negativas que assimila o dia-a-dia de suas vidas. Para isso, a comunidade deve ser essencialmente humana, solidária, acolhedora, não como são, em sua grande maioria. Percebe-se que as igrejas cristãs ainda não se abriram o suficiente para remar contra a maré do sistema atual, mas buscam se acomodar a ele. Assim, entende Castellanos:

Igrejas que entendem o fenômeno religioso em termos de mercado, modelos de liderança autoritários, o exercício da disciplina que degenera em legalismo, o exercício da espontaneidade que degenera em desordem; os programas que são mais importantes que as pessoas; guardar as aparências é mais importante do que a maturidade autêntica; a quantidade é mais valiosa do que a qualidade de vida; a igreja perde seu carisma original e se burocratiza; a palavra é um trampolim para interesses e comodidades pastorais. Assim, as diferentes ideologias deformam o rosto de Deus, do próximo e da própria pessoa (...) a promoção de uma graça barata e de uma “espiritualidade que engorda”, que nada tem a ver com a transformação da realidade que se vive.¹⁷³

¹⁷³ CASTELLANOS, In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p. 102.

Sabe-se que poucas comunidades de fé estão dispostas a resgatar o modelo das primeiras comunidades cristãs, que eram comunidades acolhedoras, fraternas em que a humanização estava à frente das doutrinas. A sociedade “secular” promove a desvalorização das pessoas, e contrariamente a esta prática, as comunidades de fé deveriam empenharem-se para o resgate da autoestima através do compromisso e cuidado para com as famílias que vivem em situações de risco. Essas situações não são somente no sentido material, mas moral e espiritualmente. Está em plena ascensão em nossa sociedade a ideia de que se puder levar vantagem em alguma coisa, isso pode ser praticado. Deve ser, a comunidade de fé, um lugar onde se faça a reflexão sobre a vida que se está vivendo, hoje, para que facilite uma revisão de suas ações e se busque uma correção diante de atitudes morais inadequadas que se vive deliberadamente. O caminho da humanização acontece quando há abertura para a sua própria revisão de vida.¹⁷⁴

Humanizar a existência requer um processo em que leve as pessoas a perceberem que possuem uma realidade interior. O que se cultiva interiormente denuncia o que se vive exteriormente. Os líderes religiosos devem ajudar a família a ter contato com seu mundo interior para que percebam se, o que se cultiva em seus corações são valores que o ajudarão a se libertarem, e se trarão novos horizontes para a vida, ou se são reflexos daquilo que lhes foram passados pela ideologia da cultura atual. Neste sentido, podemos afirmar que Jesus era um diagnosticador do interior humano, de acordo com o que diz Castellanos,

Ele conhecia o interior das pessoas e punha a descoberto aqueles que se deixavam encontrar por ele, ia além das aparências e condenava a hipocrisia, despertava da letargia religiosa e suscitava novas inquietações, desmascarava as falsas seguranças e colocava no centro os excluídos.¹⁷⁵

Para que as comunidades de fé sejam um lugar de acolhimento dos sucumbidos pelo sistema econômico, devem se converterem e reconhecer que precisam passar por mudanças. O princípio que se pode assumir numa vida comunitária alternativa não é o econômico e sim o da compaixão. Os cristãos condenam a idolatria em formas de imagens, mas não condenam a idolatria velada do coração em suas atitudes econômicas.¹⁷⁶ Hoje, a avareza é uma forma de idolatria (Cl 3,4).

¹⁷⁴ CASTELLANOS, In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p. 106.

¹⁷⁵ CASTELLANO, In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p. 106.

¹⁷⁶ CASTELLANO, In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p. 111.

A descoberta de que existe vida fora dos padrões estabelecidos é o início de um novo caminho a ser construído que pode resgatar e atingir a profundidade da existência e requalificar as motivações e desejos a serem vividos.

4.1.3 A busca de uma espiritualidade integradora: gratuidade, convivência e compaixão

Como humanos não vivemos somente a materialidade no cotidiano da existência. Está assinalado na compreensão da maioria das pessoas que existem mais de uma realidade fazendo parte da nossa vida, e por isso denominada de material e espiritual. Diremos que não é um entendimento errado, mas que não há a necessária oposição entre elas, e que a existência não é composta somente por esses dois aspectos. A espiritualidade é parte integradora não somente de pessoas individuais, mas também se encontra presente na realidade familiar ou grupal. A espiritualidade é uma característica essencial da vida humana. Não existe ninguém que não a possua. Afirma-se que a espiritualidade faz parte do caminho alternativo que a família e a pessoa podem viver hoje. O termo espiritualidade deriva de espírito e na visão grega ocidental, espírito faz oposição à matéria, ao que é real. Mas a visão hebraica não faz essa divisão entre espírito e matéria. O espírito, na concepção judaica, está dentro da matéria, do corpo, da realidade e lhe fornece vida, força e liberdade.¹⁷⁷

A espiritualidade como uma dimensão essencial do existir encaminha a pessoa para o desenvolver de suas potencialidades. “O espírito de uma pessoa é o mais profundo do seu próprio ser: sua motivação última, seu ideal, sua utopia, sua paixão,”¹⁷⁸ ou seja, a mística pela qual vive e enche de esperança a si e os outros. Se diz que uma pessoa tem bom espírito quando tem bom coração e mau espírito quando é habitado por desejos ruins. A partir dessa compreensão as famílias, hoje, devem identificar que tipo de “espírito” move e direciona sua realidade, um bom espírito ou um mau espírito. Bom espírito neste contexto é o da solidariedade, da compaixão, do cuidado...e mau espírito o do individualismo, o do consumismo, o da violência. Casaldáliga esclarece os sentidos de espiritualidade, descrevendo:

¹⁷⁷ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José María. *Espiritualidade da libertação*. São Paulo: Vozes, 1993, p. 22.

¹⁷⁸ CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 22.

Quer dizer, se dará uma espiritualidade maior ou menor, melhor ou pior, numa pessoa ou numa realidade, na medida em que for maior ou menor a presença nelas de um espírito melhor ou pior. Uma pessoa será verdadeiramente espiritual quando houver nela presença clara e atuação marcante do espírito, quando viver realmente com espírito. E conforme for esse espírito, assim será sua espiritualidade.¹⁷⁹

As motivações que movem o agir humano fazem parte da espiritualidade que se manifesta nele. Ter bom espírito é incorporar um jeito de ser que promova a superação daquilo que se mostra sombrio, mesmo que a princípio não se perceba assim. Muitas decisões que são tomadas no cotidiano da vida não fortalecem a trajetória de uma espiritualidade sadia que leva para o bem. Na dimensão cristã, a espiritualidade pode ser conduzida por um espírito de vida que se pode incorporar, que é o jeito de ser de Cristo.

4.1.3.1 O sofrimento necessário para o desenvolvimento da espiritualidade da gratuidade na família

O desajuste de uma vida espiritual traz consequências desagradáveis. Na linguagem bíblica, espiritualidade é entendida como vida, força e energia. É o oposto do vazio, do que destrói e da morte; e ser espiritual não é saber, mas viver.¹⁸⁰ As famílias que vivem essa força que vem de princípios vitais, abre espaço para que todos cresçam na compreensão da própria vida e de como podem viver e o que devem buscar. A relação harmoniosa que a espiritualidade promove na vida da família - é uma relação de graça – que “ajuda a alcançar e manter o equilíbrio interno e a totalidade de sentido para enfrentar a existência”.¹⁸¹ Os sofrimentos são maiores quando o direcionamento de seus ideias tomam rumos somente de ordem material e utilitaristas. Um aspecto importante para se perceber o que se vive na família é deixar-se provocar pelas dificuldades, pelas quais se está passando.

Assumir uma vida de fé é assimilar que haverá sofrimento até que se liberte daquilo que o amarra, mas também é sentir a graça que vem do alto, como dedicação amorosa que convida a família a assumir esta novidade. Jesus provoca um sofrimento para o jovem rico que se dispôs a segui-lo: “Vai vende tudo o que possui e dá aos pobres, depois vem e segue-me” (Mt 19,21). Este era um sofrimento necessário, para

¹⁷⁹ CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 22.

¹⁸⁰ GUEVARA, Edwin Mora. In: SANTOS, Hugo N. (editor) Dimensões do Cuidado e Aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: Aste; São Leopoldo: Cetela, 2008, p. 127.

¹⁸¹ GUEVARA, In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p. 127.

despertar o processo de mudança e iniciar um caminho de gratuidade. A transformação de um estado familiar moldado pelos interesses particulares, para o estado da gratuidade é:

sentir-se aceitos e aceitas, amados e amadas, apesar de nossos próprios limites e situações. O amor incondicional de Deus - sua graça – capaz de criar essas condições de aceitação plena, de gratuidade e de mudança que não deixam lugar para a manifestação de temores, ansiedade e desesperança.¹⁸²

A criação de outra ordem de orientação para a vida das famílias exige enfrentar o sofrimento, desapegar-se da “espiritualidade do consumo e do individualismo” e assimilar esse desapego como as “dores de um parto” para que nasça uma nova condição de vida, que mostre novas estradas. Segundo, Hernandez, existem sofrimentos desnecessários, que nos colocam em situações conscientes em relação a eles, mas não é esse o sofrimento que provoca-nos o Senhor. O sofrimento que Deus nos provoca tem a ver com desaprendizagem,¹⁸³ que exige a superação das representações que se cristalizam em nossa existência. Para isso, precisa-se fazer algo que foi desaprendido: o dizer não às seduções que se vê diante de si. Para isso, exige-se uma capacidade de superação, e às vezes, isso se faz necessário com o sofrimento. Por exemplo, ficar um dia sem o celular e internet pode ser um considerável sofrimento para muitas pessoas. O significado desse sofrer é a abertura do espírito para que ele se aproprie, na espiritualidade cristã, da palavra do Senhor, e reorganize o modo de viver que o faz surdo para Deus e para os outros.

Segundo Hernandez, essa nova prática supõe biologicamente uma modificação.¹⁸⁴ Modificar, essencialmente, a compreensão sobre a vida, mobiliza o ser espiritual de cada um para modificar o modo de ser da família. Escutar a palavra como luz e guia espiritual modifica a compreensão para o qual somos criados. O estilo de vida atual nos diz que devemos evitar qualquer tipo de dor e sofrimento. Por isso a existência de tantas farmácias, ligadas à noção de que o mercado tem respostas para todas as dores humanas.

Nossa cultura, de alguma forma, diz não ao sofrimento, mas cultiva o sofrimento. Para Hernandez, a violência e as drogas como reflexos dessa realidade distingue-nos

¹⁸² GUEVARA, In: SANTOS, Hugo N. (editor), 2008, p. 128.

¹⁸³ HERNANDEZ, Carlos. Palestra conferida em 15 de julho de 2017, na sala de aula do curso de mestrado profissional, da faculdade Est, de São Leopoldo da disciplina, Fenomenologia e psicologia do sofrimento.

¹⁸⁴ HERNANDEZ, julho, 2017.

o que é o sofrimento na bíblia do que é o sofrimento na mídia. A mídia nos vende caminhos para fugir do sofrimento que são imaginários. Continua:

Se não consumirmos o que nos oferecem, a dor irá nos consumir. Criamos, assim, uma temporalidade cronológica falsa, é uma invenção. A dor da vida vem e vai. Na vida há sofrimentos e gozos. A vida se manifesta nessas emoções. Começar a entender em nosso corpo o gozo, a alegria que nos emociona, é sentir algo que vem de dentro de nós e que nos puxa, que nos aparece à medida que somos passivos e contemplamos. Nosso corpo se torna de outra forma, evita as obsessões.¹⁸⁵

A espiritualidade cristã não quer fazer Jesus prisioneiro das ideias individuais e nem evitar o sofrer, mas impulsiona o modificar-se para que a entrega a ele seja plena. “Se eu não sofro ouvindo obedecendo, sofro igual porque tenho uma precariedade essencial”.¹⁸⁶ O humano atual, se quiser fazer nova experiência de vida, incorporando também o caminho da espiritualidade, deve passar por um certo sofrimento. Não há caminho espiritual sem desafios, sem o processo de rasgar os tecidos que compõe a atual existência para que se descortine um novo nascimento. É adquirir uma nova identidade, porque o mundo do mercado produz uma identidade única, falsa, do que são as pessoas, do que é a família. Neste contexto, todos têm identidade de consumidores dos produtos do mercado. Se a resposta da pergunta quem sou, é a presença de um caminho de espiritualidade solidária e compassiva, pode-se reorientar a existência a partir da experiência de Jesus.

4.1.3.2 A abertura necessária para o desenvolvimento da espiritualidade da compaixão e da convivência na família

Voltando à família de Betânia, vê-se que ela aponta uma forma de convivência que não estavam presente somente nas pessoas da família de sangue. Essa família incorpora na sua experiência a abertura para o desenvolvimento de uma espiritualidade revigoradora que ajudava a dar sentido à sua vida. O envolvimento da família de Betânia com Jesus ajudava aquela família a recriar uma nova imagem e uma nova experiência de Deus, como algo essencial para o seu existir. Os atropelos “deste mundo” impedem o aproximar-se de uma espiritualidade em que se privilegie a compaixão e a convivência na família. O sentimento de compaixão nasce de uma

¹⁸⁵ HERNANDEZ, julho, 2017.

¹⁸⁶ HERNANDEZ, julho, 2017.

autoconsciência de que se é um ser de espiritualidade e que isso transcende a materialidade da vida cotidiana dentro do próprio cotidiano.

Viver a compaixão na família é mergulhar nas dores e sofrimentos que estão presentes na vida de cada um, sejam elas físicas ou emocionais. As irmãs de Betânia busca em Jesus o consolo para a dor da perda de Lazaro e também as orientações de como viver. A família tem o grande desafio de despertar o senso da compaixão para poder dar novo sentido a sua existência diante da dor que vive, como exemplo, um filho no mundo das drogas. O processo de lapidação do espírito para que se tenha outro jeito de viver e de acolher pode ser uma das saídas para as situações familiares atuais. O peso da convivência familiar se faz visível em grande parte das famílias. Isso porque não existe mais a estabilidade duradoura que trazia sensação de segurança e de equilíbrio.

Exercitar a prática do perdão na família é o caminho da compaixão e de uma melhor convivência. Superar as falsas compreensões de vida que se estabelecem pelos padrões sociais, ajudará a preparar o espírito para uma vida de acolhida em relação ao outro. Pela compaixão se “assume o lugar do outro”, não deixa sofrer só, estende-lhe a mão, caminha lado a lado com ele.¹⁸⁷ Diante do sofrimento, pelo qual passava muita gente no seu tempo, Jesus encarna em si o senso da compaixão e do cuidado, ao fazer o convite: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28). Jesus promete um descanso para suas almas que vem do seu acolhimento. A acolhida da dor e do sofrimento do outro deve estar presente na família que vive uma realidade de insegurança.

Muitas famílias que sofrem as consequências mais visíveis do sistema, especificamente as mais empobrecidas, encontram dificuldades para terem uma vida com certo equilíbrio. É pelo cuidado do espírito que as pessoas podem reorganizar a esperança. Reorganizar a vida para criar novos sentidos exige um novo escutar. Silenciar-se diante daquilo que se vive para que ouça as vozes do espírito que transcendem a imediatez das coisas e “abrir espaço para que outra palavra possa ser ouvida, que nos vem do profundo de nós mesmos, vinda da consciência do próprio Deus”.¹⁸⁸ Crescer espiritualmente é deixar-se descortinar pelos apelos que chegam

¹⁸⁷ BALODANO, Sara. In: SANTOS, Hugo N. (editor) *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: Aste; São Leopoldo: Cetela, 2008, p. 194.

¹⁸⁸ BOFF, 2013, p. 197-8.

da outras partes da existência, que quase sempre ficam encobertos pelos entulhos da existência materializada. A vida humana e a vida familiar carecem de cuidar da sua essência para que novos caminhos se façam possíveis diante de si.

Experimentar um novo jeito de ser na família no mundo passa a ser uma necessidade vital. A convivência entre as pessoas pode ser sempre melhorada e recheada por elementos que contradigam a dinâmica do descuido. O humano é desafiado a voltar-se para o cuidado como processo inverso ao que está aí e se abrir a uma nova proposta de convivência. Algumas outras atitudes se fazem necessárias no trajeto atual. Boff denomina que a “atitude de sentir com cuidado deve transformar-se em cultura e demanda um processo pedagógico para além da escola formal que atravessa as instituições e faz surgir um novo estado de consciência e de conexão com a Terra e com tudo o que nela existe e vive”.¹⁸⁹

A ternura vivida entre Jesus e a família de Betânia diz o quanto este é um elemento referencial na convivência entre as pessoas. A relação do cuidado de Maria para com Jesus e de Jesus para com Maria cria uma convivência profunda de reciprocidade baseada na ternura. Esta relação é despossuída de qualquer fim de interesse pessoal, é sim um encontro que apresenta uma partilha espiritual que se abre ao crescimento humano. A existência de uma “nova família” requer a experiência da ternura como crescimento do afeto e da cumplicidade de vida. “A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais”.¹⁹⁰ Uma atitude terna diante do outro e da vida exige um meditar sobre a existência e sobre as circunstâncias que estão presentes. É o mergulhar no interior da vida que faz germinar a semente da ternura para que, num processo, mais tarde gere frutos. O primeiro passo é o desejo de buscar e de descobrir o que ainda não se tem ou que se sente que se perdeu.

¹⁸⁹ BOFF, 1999, p. 116.

¹⁹⁰ BOFF, 1999, p. 117.

5 CONCLUSÃO

Considerando todo o processo evolutivo pelo qual passou a família nos deparamos com situações complexas em relação a sua forma de existir e significar a vida das pessoas. Os traços culturais são sempre determinantes na constituição de qualquer instituição presente na sociedade. Foi amplamente elencada ao longo desta pesquisa a existência de uma cultura global fundamentada nas orientações do sistema econômico em que se vive, que demarcam muitas culturas mundiais.

O cultivo da utopia se faz necessário para dinamizar e iluminar a vida humana. As famílias precisam recriar esse espaço interior de suporte ao seu existir. A falta de sonhos, de ideais reduzem o sentido da própria vida e do mundo no qual está inserido. O ser humano precisa conservar a esperança de que existem novas portas e janelas a serem abertas que apontam novas luzes e novas paisagens a serem apreciadas e cultivadas. Cultivar a utopia é acreditar - contrariamente ao que nos passam pelas situações políticas, de relacionamentos, de intolerâncias - que ainda existe outro mundo a ser buscado e cultivado que mostra outros desejos relacionados à harmonia entre as pessoas, ao cuidado com a natureza, ao senso para a justiça, e no vislumbrar um mundo de solidariedade e de cuidado.

Este mundo cultivado pela utopia é capaz de apontar para a humanidade e para a família, em particular, uma nascente de esperança que jamais se extinguirá. “Se na porta do inferno de Dante Alighieri estava escrito: “abandonai toda esperança”, segundo Boff, na porta de uma nova gênese da criação, a de uma terra planetizada, estará escrito: “Não abandone jamais a esperança, vós que entrais”.¹⁹¹

A porta para o mundo ainda não existente plenamente só é possível a partir do acesso a uma nova compreensão da própria existência e do mundo. Um dos primeiros pressupostos dessa nova realidade é ter a consciência sobre o mundo em que se vive e como se está atuando nele. Para isso, a família deve aprender a cuidar das fontes geradoras de sentido à sua vida familiar. Diante de tantas “fontes” que parecem jorrar sentido, existe o caminho do engano, em relação ao que se deve buscar. Fundamentos imanentes e totalmente materialistas se revestem de sentidos transcendentais e se colocam como razão de ser e de existir de famílias e pessoas.

A virtualidade do tempo atual traz em si uma falsa espiritualidade que transcende a realidade numa busca desenfreada de egocentrismo e de exclusivismo.

¹⁹¹ BOFF, 2013, p. 272.

Os relacionamentos virtuais, pessoais e familiares apontam-nos uma nova religiosidade, cujos deuses estão nas mãos de cada um. Esta nova configuração da existência humana, esconde a experiência de profundidade que existe em todo ser humano.¹⁹² Um dos objetivos da existência, creio, seria o encontro com o numinoso, com a realidade do ser, desnudo de todas as representações. Aí seria capaz de acontecer a transparência ou a dilaceração, que mostra a verdadeira realidade do ser humano.¹⁹³ É o face-a-face, relatado por Paulo que dá acesso a experiência da sua verdadeira existência sem nada mais que o mascare ou o encubra.

Neste sentido, Jesus aponta o caminho numinoso para a família de Betânia que é chamada a diversificar suas ações e ao polimento espiritual para possuir a lucidez da sua própria razão de ser. Ver a família com uma razão, além de sua realidade consanguínea era o que Jesus defendia e por isso ensina à família de Betânia.

Enfim, a família humana não está à mercê de desaparecer, o que está em curso, desde sempre, são os processos de transformações que vão acontecendo ao longo da história. O desafio está na forma de assimilação dessas transformações, em cada cultura, que podem ser traumáticas ou absolvidas de forma positiva para o desenrolar da vida humana.

¹⁹² LELOUP; BOFF, 2007, p. 18.

¹⁹³ LELOUP; BOFF, 2007, p. 19.

REFERÊNCIAS

- A FAMÍLIA moderna: lugar de resistência ou agente de mudanças. Concilium/141 – 1979/1. Sociologia da religião. [S.l.: s.n.].
- ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Vozes: Petrópolis RJ, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. 2. ed. Revisada. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____ *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____ *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERGANT, Dianne C; KARRIS, Robert J. Ofm (orgs). *Comentário bíblico: introdução ao pentateuco e profetas anteriores*. V. 1. São Paulo: Loyola, 1999.
- BIBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- BOFF, Leonardo. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Versus Editora, 2003
- _____ *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____ *Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Vozes: Petrópolis RJ, 1999.
- BOWKER, John. *O livro de Ouro das religiões: a Fé no Ocidente e Oriente, da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *Família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez Editora, 6ª ed. 2005.
- CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José María. *Espiritualidade da libertação*. São Paulo: Vozes, 1993.
- CARTER, Betty; MEGOLDRICK e colaboradores. *As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de filosofia*. Manual do professor. 2. edição. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CONCILLIUM *Revista internacional de teologia*, Petrópolis: Vozes, n.365 (2016/2), 2014.

DICIONÁRIO Ilustrado da Bíblia. Ronald F. Youngblood; co-editores F.F. Bruce & R. K. Harrison (editores); Tradução, Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESTUDOS Bíblicos, n. 85 – 2005/1. *A família na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2005.

FRIEDRICH, Engels. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 2. ed. revisada. São Paulo: Escala [s.d].

FROM, Erich. *Ter ou ser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4. ed. 1980.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

HANH, Thich Nhat. *Aprendendo a lidar com a raiva: sabedoria para a paz interior*. Rio de Janeiro: Sextante, 4. ed. 2003.

HERNANDEZ, Carlos. Palestra conferida em 15 de julho de 2017, na sala de aula do curso de mestrado profissional, da faculdade Est, de São Leopoldo da disciplina, Fenomenologia e psicologia do sofrimento.

KELLERHALS, Jean. *Microssociologia da família*. Portugal: Publicações Europa-América, LDA. Coleção Saber, 1984.

MALDONADO, Jorge E. A Família nos tempos bíblicos. In: *Ultimato*, Casamento e família: Uma abordagem bíblica e teológica. Viçosa – MG: 2003.

LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do Deserto: De Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LECLERCQ, Jacques. *A família*. São Paulo: Quadrante, 1968.

MAISON, Jacques Grand'. A família moderna: lugar de resistência ou agente de mudanças. *Concilium*/141 – 1979/1. Sociologia da religião. [S.l.: s.n.].

MALUF, Adriana C. do Rego Freitas Dabus. *Novas Modalidades de Famílias na Pós-modernidade*. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Direito da USP, 2010.

PEREIRA, Sandra Regina. *As mulheres e o patriarcado nas comunidades Paulinas*. São Leopoldo: Cebi, 2015

PALLARES, José Cárdenas. *Ternura de Deus ternura da mulher: A mulher no Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1995.

PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa R. Simon (orgs). *Família, Sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.

RAMOS, Frederico Pastor. *A Família na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

REVISTA de Interpretação Bíblica Latino-Americana Petrópolis: Vozes, v.1, n.44, 2003.

RODRIGUES, Joelson Tavares. *A medicação como única resposta: Uma miragem do contemporâneo*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 13-22, jan./jun. 2003. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud>. Acessado: 15/02/2017.

RUETHER, Rosemary Radford (org.). *Mulheres curando a terra*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SANTOS, Hugo N. (editor) *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: Aste; São Leopoldo: Cetela, 2008.

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista: Resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal/Est; Cebi; São Paulo: Aste, 2008

SARTI, Cynthia Andersen. *Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Tese de doutoramento. Departamento de antropologia, faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994.

VAUX, R. De. *Instituição de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002.

WONDRACEK, Karin H. K. *Caminhos da Graça: Identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia*. Viçosa – MG: Ultimato, 2006.